CENTRO UNIVERSITÁRIO CATÓLICO DE VITÓRIA

EMILIANE MARTINS FARIAS PAGUN

CRIANÇA, CORPO E EROTIZAÇÃO

VITÓRIA

EMILIANE MARTINS FARIAS PAGUN

CRIANÇA, CORPO E EROTIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Católico de Vitória, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientadora: Dra. Talita Cristina Garcia.

VITÓRIA

EMILIANE MARTINS FARIAS PAGUN

CRIANÇA, CORPO E EROTIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Católico de Vitória, con requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Educação Física.	no
Aprovado em 10 de julho de 2017, por:	
Prof ^a Dr ^a . Talita Cristina Garcia, UCV – Orientadora	
Prof ^a M. ^a Maria Celeste Rocha, UCV	
Prof. M.e. Thiago Machado, UCV	



AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Talita por dedicar de sua sabedoria e tempo durante a construção desse trabalho.

A professora Maria Celeste que despertou em mim uma grande curiosidade sobre a infância.

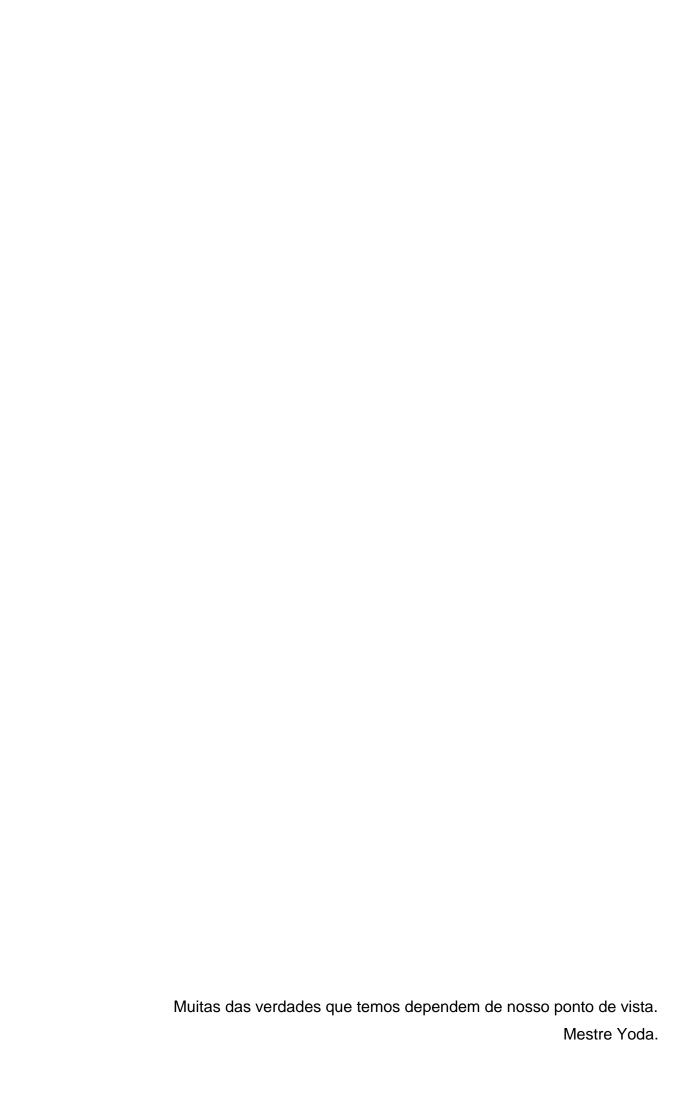
A todos os professores do curso de Educação Física Licenciatura do Centro Universitário Católico de Vitória, pela grande competência no ensinar.

Aos meus parentes em especial meus pais, avós, tia Marta quem eu pude contar como uma amiga, meu tio Claúdio por ter me socorrido no momento que eu mais precisei e meu Tio Daniel por ter me levado pra faculdade.

Ao meu Marido que tanto amo, por ser paciente e amoroso.

A minha amiga Tatiane que se mostrou minha fortaleza em todos os momentos e que precisei.

Graças a todos vocês hoje posso comemorar. Obrigada!



RESUMO

Este trabalho trata sobre a adultização e erotização da criança a partir de um estudo de caso realizado em uma escola pública localizada no município de Vitória/Espírito Santo. O objetivo principal foi compreender a visão e relação que meninos e meninas de 6 a 11 anos estabelecem entre seus corpos e os corpos dos colegas, problematizadas com a noção de adultização e erotização na infância. Essa é uma pesquisa qualitativa, descritiva, pois descreve as observações e se aproxima da explicativa, pois busca explicar sobre os reflexos adultos e eróticos na infância. Para a coleta de dados foram utilizadas observações, rodas de conversa, anotações no diário de campo e gravações de áudio. Verificou-se que as crianças apresentam características de um ideal da imagem corporal, causando uma aparência adulta e erótica e também que essas apresentam nas falas necessidade de serem desejadas. Para isso utilizam de meios para parecer mais velhas. Conclui-se que devemos tratar criança como criança, respeitando suas fases, seu desenvolvimento e descobertas. Não que isso signifique esconder a sexualidade dessas, mais sim, deixar que se desenvolvam de forma natural, brincando e se descobrindo. Também ensinando sobre seus corpos e sentimentos para que assim possam se compreender e desenvolver naturalmente.

Palavras-chave: Criança. Adultização. Erotização.

ABSTRACT

This work deals with the adult child and eroticization of the child from a case study carried out in a public school located in the city of Vitória / Espírito Santo. The main objective was to understand the vision and relationship that boys and girls between 6 and 11 years of age establish between their bodies and the bodies of their colleagues, which are problematized by the notion of adult child and eroticization in childhood. This is a qualitative, descriptive research, since it describes the observations and approaches the explanatory one, because it seeks to explain about the adult and erotic reflexes in childhood. For data collection, observations, talk wheels, field diary annotations and audio recordings were used. It has been found that children exhibit characteristics of an ideal body image, causing an adult and erotic appearance and also that they present in the speeches need to be desired. For this they use the means to look older. We conclude that we should treat children as children, respecting their phases, their development and discoveries. Not that it means hiding their sexuality, but letting them develop naturally, playing and discovering themselves. Also teaching about their bodies and feelings so that they can understand and develop naturally.

Keywords: Child. Adult child. Erotization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 REVISÃO LITERÁRIA	21
2.1 CRIANÇA	21
2.2 CORPO	30
2.3 EROTIZAÇÃO	36
2.4 ADULTIZAÇÃO E EROTIZAÇÃO DA CRIANÇA	45
3 METODOLOGIA	57
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO	
APÊNDICE B – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	79

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XX, as crianças possuíam uma forma própria de se vestir roupas com rendas, "engomadinhas", essas não podiam assistir determinados programas - era ensinado o respeito aos mais velhos - meninos e meninas viviam num 'cabo de guerra', implicando uns com os outros. Os meninos diziam que não suportavam as meninas e as meninas diziam o mesmo dos meninos.

Menos de duas décadas depois, comparo a infância que vivi com a atual. Percebi que a forma de comportamento, a fala, o vestir e o brincar ganharam novos sentidos, a aparência infantil passou a ser reflexo da fase adulta, meninos e meninas passaram a namorar mais novos e a fala passou a apresentar autoridade, vontade e em alguns casos desrespeito. Esses reflexos são chamados por Santos (2014), Guizzo e Beck (2011) como adultização e erotização da infância.

Mediante mudanças relacionadas à aparência e a erotização precoce citado acima, foi realizada uma pesquisa em uma escola, com crianças do primeiro ao quarto ano do ensino fundamental, com intuito de compreender qual é a visão e relação que meninos e meninas de 6 a 11 anos estabelecem entre seus corpos e os corpos dos colegas. As informações coletadas contribuíram para diagnosticar sinais da adultização e erotização nos primeiros anos da infância.

Ao que pertence ao conhecimento científico essa pesquisa abordou conceitos históricos e atuais sobre a criança, o corpo, a erotização e a adultização. A coleta de dados contribuiu no levantamento das informações sobre o comportamento infantil o que possibilitou uma comparação dos resultados encontrados históricos com aos atuais.

Para a coleta foi utilizado o seguinte caminho metodológico: observações e rodas de conversa com intuito de entender como que meninos e meninas se relacionam e se percebem; investigar noção de corpo das crianças; identificar as diferenças da visão e relação que meninos e meninas de idades diferentes possuem em relação dos seus corpos. Os resultados encontrados serviram para entender sobre a concepção atual da criança como sujeito de direitos e também para possíveis comparações futuras.

A revisão literária possui os seguintes tópicos: Criança, Corpo, Erotização e Adultização e erotização da criança. No tópico criança é apresentado que a concepção de infância é algo construído histórico e socialmente, sendo essa mutável. Segundo Oliveira (2007) nos séculos passados a família era a principal responsável pelo cuidado e educação das crianças pequenas, nesta época as crianças eram percebidas como mini adultos, no momento que essas eram desmamadas recebiam tarefas de trabalho como a dos pais.

No passar do tempo é possível perceber mudanças no tratar, cuidar e entender a infância. No Brasil a criança desde o ventre já é assegurada pelo direito à vida e à saúde. Na lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 apresenta o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) onde a infância é organizada em duas etapas primeiro a criança que vai até os doze anos incompletos e em segundo a adolescência dos doze aos dezoito anos. Sendo apresentada como sujeitos de direitos (BRASIL, 2017a).

No tópico do corpo partimos da ideia que para termos experiências, é necessário termos um corpo, por meio deste conseguimos nos inserir no mundo. E também é através desse que conseguimos refletir nossos pensamentos, desejos e atividades da vida. A forma de vivenciar a corporeidade é um espelho da sociedade, as regras e valores impostos refletem nos corpos das pessoas. Para entendermos as características de uma determinada época podemos estudar a maneirar do vestir, comportar e falar.

No tópico da erotização, essa é apresentada como comportamento de provocar excitação sexual em si mesmo ou em outra pessoa que tem relação com os órgãos genitais ou não, ela também é apresentada como algo histórico, cultural e político. À medida que a sociedade muda seus padrões de comportamento, o reflexo nas leis e valores, também são alterados. Segundo Foucault (1988), a sexualidade no século XIX é tratada como algo obscuro, destinada apenas aos pais para procriação, algo que deve ser escondido. Neste contexto a criança passa a ser vista como um ser sem sexo, sendo proibidas de falar sobre ele.

Ao passar dos séculos a humanidade mudou seus padrões, comportamentos, ideais e estereótipos, essas mudanças influenciaram suas relações. O corpo que antes

representava padrões antigos passa a vivenciar formas novas de estar no mundo, principalmente quando esse corpo passa a ser vivenciado de uma forma mais liberal, essa percepção contribui para a normatização da sexualidade. Dentro dessas mudanças a forma da criança se entender e perceber seu corpo também sofreu modificações, principalmente em se tratar de uma suposta idealização de um modelo ideal de ser, que já aparece durante a infância. Essas mudanças levam-nos a discutir a adultização e erotização infantil.

No tópico adultização e erotização da criança, é apresentado que adultização é a transformação da criança em um mini adulto, onde suas características infantis são trocadas por adultas (roupas, brincadeiras, educação, e outros aspectos). Ainda no mesmo tópico a erotização é apresentada como decorrente da adultização, onde a criança passa a apresentar características sensuais e eróticas.

A erotização é algo antigo e ao mesmo tempo contemporâneo. A sexualidade que era considerada um tabu, voltado apenas para o público adulto, passou a ser percebida com grande crescimento na infância, principalmente quando se percebe que o trato da infância sofre uma mudança, onde a criança deixa de ser considerado um indivíduo sem sexo (era medieval) e passa a ter acesso a este assunto por meio da escola, família e televisão.

Essa erotização está cada vez mais, normalizada, a forma da criança tratar seu corpo (vestimenta, acessórios, maquiagem e produtos eletrônicos) tornou-se, se não igual, muito parecida com atitudes de adultos. Além de apresentarem características visuais de adultos, falas como "não sou mais criança" também passou a ser comum de serem ouvidas. Essas transformações precoces acarretam a redução da infância, onde a naturalidade, a diversão, as brincadeiras acabam sendo trocadas por preocupações com a aparência. O penúltimo capítulo dessa pesquisa apresenta os resultados e discussões, dos dados coletados na escola, sendo esses comparados com a literatura.

2 REVISÃO LITERÁRIA

2.1 CRIANÇA

No Brasil, ser criança estende-se aos primeiros 12 anos de vida incompletos (BRASIL, 2017a). Ao buscar uma definição de infância é necessário pensarmos em acontecimentos que perpassam e constroem essas crianças, como: relações familiares, escolares, sociais e outras que podem contribuir na forma de perceber essa infância. Sendo assim, podemos concordar com Cohn (2005) quando ela cita "[...] infância é um modo particular, e não universal, de pensar a criança".

O autor Heywood (2004, p. 21) apresenta que várias discussões sobre infância nos faz lembrar que "[...] a criança é um constructo social que se transforma com o passar do tempo e, não menos importante, vária entre grupos sociais e éticos dentro de qualquer sociedade".

Desse modo podemos dizer que a criança é um ser social e a sua representação está totalmente ligada ao momento histórico que a sociedade está passando, o seu significado modifica a medida que, a sociedade muda à forma de perceber a infância. Corroborando nessa ideia Oliveira (2007, p. 57) afirma que a "[...] concepção de infância é uma construção histórica e social, coexistindo em um mesmo momento múltiplas ideias de criança e desenvolvimento infantil".

Essa diferente relação com a infância fica evidente ao compararmos nossas experiências quando crianças com relatos de nossos antepassados. Todos nós passamos pela mesma etapa de formas diferentes, vivemos cuidados, aprendizados e educação pela escola, igreja e família.

Heywood (2004, p. 21) cita que "a infância é, pois, em grande medida, resultado das expectativas dos adultos". Ele também utiliza da referência do filosofo David Archard para afirmar "[...] que as todas sociedades, em todas as épocas, tiveram o *conceito* de infância, ou seja, a noção de que as crianças podem ser diferentes dos adultos de várias formas" (HEYWOOD, 2004, p. 21).

Para entendermos melhor sobre a criança e suas concepções essa pesquisa partiu de um levantamento literário a partir do século XII até o século XXI.

Discutir a infância atualmente é algo comum, diferentemente dos séculos anteriores ao XVIII. Pelliccioli (2008, p. 205) cita que "a infância é representada de forma escassa até a literatura do séc. XVIII. Ainda assim aparecia sob o estigma do mal, do desvirtuoso". O autor ainda cita que a criança parecia não fazer parte do mundo humano, essas eram vistas "[...] como um empecilho, um estorvo à 'pureza' do ser humano enquanto tal" (PELLICCIOLI, 2008, p. 205). Ariès (1986), Barbosa e Magalhães (2008) apresentam a infância a partir de meados do século XII como algo desvalorizado, fragilizado, sem espaço no mundo, sendo essa uma transição para a fase adulta que passaria brevemente ou seria interrompida pela morte (principalmente devido às condições de saúde precárias da época, muitas crianças pequenas morriam e eram logo "substituídas" por outras). Essas informações são apontadas por Ariès (1986) a partir de uma pesquisa em obras de arte na era medieval principiando no século XII, onde traços da infância não eram representados, o que aparece nessas obras são imagens de adultos retratados em tamanho menor, neste contexto as crianças eram caracterizadas como mini adultos.



Figura 1 – Criança um mini adulto

Fonte: (APRESENTAÇÃO, 2011).

A figura acima apresenta a figura de cinco crianças. Nota-se que são crianças devido o tamanho que elas são retratadas, pois essas se apresentam menores do que os moveis e quase do mesmo tamanho que o cachorro.

Vale ressaltar que durante a idade média as crianças pobres não tinham função social, só eram reconhecidas a partir do momento que passavam a trabalhar, trabalhos iguais a de adultos. Crianças nobres eram vistas como miniadultos que deveriam ser educados e preparados para a fase adulta (ANDRADE, 2010). Nesta discussão Corazza (apud ANDRADE, 2010, p.48)

[...] considera que a história da infância revela um silêncio histórico, ou seja, uma ausência de problematização sobre essa categoria, não porque as crianças não existissem, mas porque, do período da Antiguidade à Idade Moderna, 'não existia este objeto discursivo a que hoje chamamos infância, nem esta figura social e cultural chamada criança'.

Archard (apud HEYWOOD, 2004, p. 27) acredita que no "[...] mundo medieval provavelmente existia algum conceito de infância, mas suas concepções sobre ela eram muito diferentes na nossa". Desse modo podemos considerar que a criança como miniadulto é a representação da concepção de infância daquela época, e que essa não pode ser considerada como inexistente por ser diferente da concepção atual.

Por volta do século XIII é possível constatar um trato diferenciado nas obras de arte representativas das crianças, a figura de anjos. A criança não muito pequena (um jovem adolescente) começou a ser representada por pinturas de anjos com traços característicos infantis como o corpo arredondado. Já no século XIV essa representação de anjos adolescentes é extremamente comum (ARIÈS, 1986).



Figura 2 – Jovem adolescente

Fonte: (GOZZOLI apud LUÍZA, 2014).

Na medida em que se aproxima o fim da era medieval, traços que remetem a infância atual, cada vez mais se apresentam nas obras de arte. Essas representações são

decorrentes a mudanças presentes na sociedade, que a medida dos séculos passou a perceber a criança e também a família de formas diferentes.

Segundo Ariès (1986) e Andrade (2010) no século XVI aparece uma nova forma de se tratar a infância a "paparicação", os adultos, em principal as mulheres, passaram a apresentar e destinar mais atenção às crianças pequenas (ler histórias, brincadeiras e ficar admirando), e ao mesmo tempo utilizavam essas como passa tempo. No mesmo período mudanças também podem ser percebidas no estilo de pintura, a figura de criançinhas nuas e normalmente com asas chamado *putto* ou *putti* no plural, começam aparecer nas pinturas, tapeçarias e esculturas. Ariès (1986) relaciona a figura do *putto* com o interesse que a família passa a ter sobre a infância.



Figura 3 – Putto

Fonte: (APRESENTAÇÃO, 2011).

Na arte e na família o trato com a criança passou a refletir um interesse por suas características. As formas infantis passaram a ser retratadas e a família passou a paparicar suas crianças. Os mesmos sentimentos que se iniciaram no século XVI ainda são comuns atualmente. Essas mudanças refletem o trato que a sociedade estava desenvolvendo sobre a infância.

A partir do século XVI quadros de crianças vivas ou mortas passaram a ser representadas. No final do século XVI e no início do século XVII aparecem raramente retratações de crianças nuas, suas partes tampadas por algum tipo de tecido ou folhas. Da metade do século XVII a seguir a pintura de crianças nuas ou com roupas transparentes passaram a ser comuns (ARIÈS, 1986).

A figura 4 apresenta o registro de um filho nascido morto. "Das duas crianças abraçadas reconhece-se o Sanvitale porque tem nas mãos um ramo de oliveira e no pescoço um colar de granadas como era típico nas representações pictóricas de recémnascidos mortos" (PANCINO, 2010, p. 198) .



Figura 4 – Criança nascida morta

Fonte: (PARMIGIANINO apud PANCINO, 2010).

Essas pinturas refletem que a infância estava saindo do anonimato, as famílias passaram a sentir a necessidade de manter lembranças de suas crianças, mesmo que essas tenham passado de forma rápida pela vida. No século XVII as pinturas de crianças sozinhas, passam a ser consideradas favoritas pelas famílias e pintores famosos. Cada família passou a querer ter retratos de seus filhos mesmo quando crianças, como forma de lembrança. Esse costume prevaleceu mesmo após a criação das fotografias no século XIX (ARIÈS, 1986).

Entre os séculos XIII e XVII é possível perceber um grande avanço sobre a retratação da infância, pintores passaram a retratar crianças, famílias passaram a fazer pinturas de seus filhos. Esses dados refletem um aumento na valorização sobre a infância e que essas mudanças que a sociedade estava passando e se refletiram na arte.

Outra mudança é a questão da educação das crianças que até o século XV era entendida como tarefa da família principalmente das mães. Nos século XV e XVI novos modelos de educação passaram a ser pensados, principalmente influenciada pelo desenvolvimento científico, comercial e também artística da época do renascimento (OLIVEIRA, 2007).

Barbosa e Magalhães (2008, p. 3) apontam que no fim do século XVI e durante o século XVII,

[...] sinais de desenvolvimento de sentimento para com a infância tornaram-se mais numerosos e mais significativos [...], pois os costumes começaram a mudar, tais como os modos de se vestir, a preocupação com a educação, bem como separação das crianças de classes sociais diferentes.

Percebe-se que a sociedade passa a entender a infância de outra forma, esses passam a diferenciar o trato entre adultos e crianças, a forma de cuidar, vestir e educar passam a ser pensadas para essa etapa. Essas mudanças apontam para uma nova percepção sobre a infância, sendo essa considerada uma etapa que necessita de cuidados diferenciados a dos adultos.

Heywood (2004, p. 23) cita as ideias de Ariès ao dizer que

A 'descoberta' da infância teria de esperar pelos séculos XV, XVI e XVII, quando então se reconheceria que as crianças precisavam de tratamento especial, 'uma espécie de quarentena', antes que pudessem integrar o mundo dos adultos.

Caldeira (2010, p. 3) diz que a partir desse momento as crianças passam a ser separadas dos adultos e também que essa quarentena citada acima significa a escola, onde a criança seria preparada para entrar no mundo dos adultos.

Reconhecer que a criança necessita de um trato diferente dos adultos e também de serem ensinadas dentro de escolas refletem mudanças na forma de reconhecer as especificidades dessas, ou seja, essas passaram a receber cuidados e instruções por parte dos adultos. Esses séculos foram de grande importância na percepção da primeira infância. A criança nesse momento passa a ser algo central na organização das famílias (ARIÈS, 1986).

Do século XII para o XVII, grandes mudanças marcaram o aparecimento de um novo sentimento em relação às crianças, que corresponde a uma forma de reconhecer as particularidades dos pequenos, ou seja, elas se tornaram objeto de todo tipo de cuidados e intervenção por parte dos adultos, de quem emerge a noção de infância.

No século XVIII a família passou a reconhecer seus filhos como herdeiros de seus bens e juntamente um sentimento de privacidade, isolamento e intimidade se tornou primordial (ANDRADE, 2010).

Pelliccioli (2008, p. 205) cita que na virada do século XVIII para o século XIX a criança passou a ser considerada como "[...] um ser cândido, puro, alvo, digno de atenções e cuidados, tendo sua aparência quase angelical".

Ariès (1986, p. 12) cita essas transformações como:

[...] um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perde-la ou substituí-la sem uma enorme dor que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela.

Através dos estudos de Ariès (1986) e Andrade (2010), pode-se reconhecer a infância como uma construção social, como uma representação elaborada socialmente pelas diversas comunidades em diferentes épocas e lugares.

Ariès citado por Frota (2007, p. 152) diz que a infância foi uma invenção da modernidade, sendo assim:

[...] a infância que conhecemos hoje foi uma criação de um tempo histórico e de condições socioculturais determinadas, sendo um erro querer analisar todas as infâncias e todas as crianças com o mesmo referencial. A partir disso, podemos considerar que a infância muda com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, e até mesmo com as peculiaridades individuais. Portanto, as crianças de hoje não são exatamente iguais às do século passado, nem serão idênticas às que virão nos próximos séculos.

Quando Ariès (1986) diz que a infância é uma invenção moderna ele se refere ao reconhecimento e trato que essa passa a ter, onde cuidados e diferenciação entre o ser adulto e criança passa a ser realizado. Ariès (1986), Frota (2007), Andrade (2010) e outros autores concordam ao dizer que a concepção de infância é algo mutável, que vária de acordo com a sociedade e cultura que interfere na significação e formas de lidar com a infância e suas especificidades. Isso fica claro ao comparar o trato que as crianças recebem com os costumes da época. Primeiramente durante a era medieval não existia uma forma eficaz e segura de evitar a gravidez, além de nesse mesmo momento a igreja tinha um grande controle sobre a população, o que acabava por influenciar mais a procriação das famílias. Nessa mesma época, as famílias pobres (camponeses) viviam nos feudos trabalhando para seus senhores, esses trabalhavam muito e pagavam grandes impostos. Esses camponeses não recebiam estudos, e automaticamente seus filhos também não. Sendo assim, as crianças eram inseridas de

pouco a pouco aprendendo as tarefas de seus pais e assim dividindo as responsabilidades (NETTO; BREI; FLORES-PEREIRA, 2010).

Ao passar dos séculos com o desenvolvimento científico, expansão comercial a sociedade se depara com novas necessidades, onde precisa-se de pessoas que acompanhem esse progresso. Devido a isso, passam a pensar em um novo modelo de escola. Até então a educação era dada pela família ou em lugares destinados a cuidados de necessidades físicas enquanto as mães trabalhavam (OLIVEIRA, 2007).

Boto (2002) cita Postman relacionado a escola e aos objetos de estudo das crianças como componentes que as possibilitaram entrar no mundo adulto. Sendo assim, a infância passa a ser uma necessidade. Podemos dizer que o trato diferente com as crianças está ligado às descobertas sobre essa etapa e também com as necessidades que a sociedade apresenta no momento.

Atualmente a concepção de infância reconheceu a criança como sujeito de direitos, após a organização do ECA em 1990, a infância e a juventude passaram a ser consideradas como prioridade absoluta, onde essas devem receber proteção integral da família, escola, sociedade e do Estado (BRASIL, 2017a; OLIVA; KAUCHAKJE, 2009).

No artigo 3º do ECA é apresentado:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 2017a).

A partir das leis que circundam a infância, o trato com essa, recebe cuidados primordiais para que a criança cresça, usufruindo de seus direitos. Desse modo, a ela é compreendida como um ser que possui especificidades distintas de outras etapas na vida, onde a preocupação com a segurança, educação e o desenvolvimento integral (físico, intelectual por meio da leitura das letras, musical, artística, cultural, corporal, social e tecnológica) construindo uma identidade capaz de interagir no mundo pelo trabalho e pelas relações sociais.

Essa construção se dá a partir do nascimento, pois, a criança começa a apropriar-se das informações que a cerca, construindo sua identidade como um ser que é influenciado direta ou indiretamente por costumes culturais, familiares e sociais. Essas influências se fazem presentes na forma de lidar com o corpo, suas manifestações e atos.

Reconhecer a criança como sujeito de direitos, como cidadã, é reconhecê-la como artífice na construção de um mundo compartilhado no qual sua ação, sua palavra, sua cultura, sua história são respeitadas e ouvidas como síntese de uma experiência social atravessada pela sua condição de classe, etnia, gênero, idade etc. (VITÓRIA, 2006, p. 31).

Dizer que a criança é um cidadão significa entender que essa possui direitos e também especificidades que a diferem dos adultos. Respeitar os diretos da infância significa que essa vivencie experiências e construa sua identidade.

Considerar a criança como sujeito de direitos implica dizer que, simultaneamente, o sujeito de direitos é também um sujeito de deveres. Devido a isso essa passa a aprender desde pequena, normas e leis. Para além essa também é inserida na escola, onde aprende aspectos culturais e preparatórios para a fase adulta.

O acesso ao direito e o reconhecimento "como sujeito de direitos requer uma cultura de respeito, de solidariedade e de cumplicidade como o outro e com a realidade que os circunda" (VITÓRIA, 2006, p. 2). Pois

Ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo competências e formando sua personalidade social, passam a ter um papel ativo na definição de sua própria condição (COHN, 2005, p. 8).

Sendo assim, a criança além de aprender informações para entender seu papel social essa passa a ser a construtora da sua própria vida. A partir do entendimento de Infância e suas especificidades, o cuidar, o educar, alfabetizar, o brincar e as várias vivências de culturas devem ser entendidas como experiências necessárias para que essas compreendam o mundo e se desenvolvam como futuros cidadãos.

Essa concepção esta relacionada, a compreensão de que as crianças necessitam de cuidados especial sendo um desses dentro da escola.

A efetivação desses direitos é realizada através, das famílias, escolas e órgãos públicos. Atualmente a educação é um serviço oferecido à população gratuitamente e também

obrigatório para as crianças de 4 a 17 anos que devem estar matriculados. Essa é garantida através da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 2017b).

Essa obrigatoriedade de estudo nos leva a pensar para além dos motivos de desenvolverem aspectos culturais, sociais e afetivos, nesse aspecto podemos pensar sobre a formação para o mundo adulto.

A infância diferentemente do que encontramos nos séculos passados ganhou grande repercussão, autonomia e interesses, atualmente essa é bastante discutida seja por seu progresso ou problemas sociais. Esse interesse e novos pensamentos nos mostram que a infância é algo importante para nossa sociedade.

2.2 CORPO

Para estarmos no mundo é necessário termos um corpo, Vaz (2006, p. 165) apresenta que "o corpo é o próprio sujeito (Eu), estruturando-se em formas expressivas que traduzem os diversos aspectos de sua presença exteriorizada [...] no mundo". Corroborando nessa ideia Le Breton (apud GOELLNER, 2010, p. 72) diz que "a existência é corporal", pois é por meio desse que vivemos experiências, construímos nossa identidade, aprendemos, ensinamos e realizamos tarefas essenciais ou não para a vida humana. Sendo assim, não podemos considerar o corpo como algo somente biológico e físico, mas sim como a nós próprios.

Vaz (2006) acrescenta que o homem está presente no mundo pelo seu corpo, ele prossegue dizendo que esse não é apenas físico-biológico, mas sim sua dimensão constitutiva e expressiva. Esse é representado como *corpo próprio*, "entende-se aqui o corpo não no sentido físico nem no sentido puramente biológico, mas no sentido de corpo *humano*, ou seja, como estrutura fundamental do *ser* do homem" (VAZ, 2006, p. 157). Essa estrutura é composta pela substância material que são suas características físicas, o organismo que são as características biológicas e o corpo próprio que é a totalidade intencional, sendo através desse que o homem percebe seu eu corporal. Ainda é apresentado que o homem apenas físico e biológico seria como o animal, sendo assim este estaria no mundo de forma passiva (VAZ, 2006). "O homem é

também seu *corpo próprio*, mas não o é pura e simplesmente por identidade, mas *tem* seu corpo próprio, sendo capaz de dar-lhe uma intencionalidade que transcende o nível do físico e biológico" (VAZ, 2006, p. 159, grifo do autor). Aqui é apresentado que o homem está no mundo de forma ativa *ser-no-mundo*, onde a dupla presença do natural e biológico com o intencional ocorre juntamente (VAZ, 2006).

Vaz (2006) e Goellner (2010) apresentam que a existência não é apenas corporal, a essência humana está relacionada para além do corporal, onde as experiências, as intencionalidades e outras características moldam a vivência humana.

Goellner citada por Goellner (2010, p. 72) apresenta que:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Perceber o corpo como algo além de biológico, possibilita uma visão de corpo como algo histórico, social e cultural que se apresenta de formas diferentes de acordo com os valores, desejos e características presentes nas sociedades. Concordando com Goellner (2010), o corpo humano por mais parecido que seja (biologicamente) carrega experiências, que o transformam e o constroem formando identidades que possuem características culturais e sociais que os diferem de outras culturas e sociedades.

Vaz (2006) apresenta que o homem se organiza como ser-no-mundo a partir da précompreensão (ideias formadas a partir das experiências e que antecedem a informação pesquisada), buscando chegar ao máximo de seus objetivos. Esses são classificados nos níveis: físico-biológico, psíquico, social e cultural. O nível físico-biológico é onde se forma a imagem e a estrutura corporal do próprio corpo, sendo construído de acordo com os ritmos, características e necessidades impostas a esse. O psíquico é o encontro do próprio corpo com a afetividade, nesse as ações passam a ser controladas a partir dos sentimentos. O social são as comunicações, sendo esse utilizado para fazer explicito a expressividade. O último é o cultural, esse se refere aos modelos corporais

reguladores de cada sociedade que adestram através da cultural, criando normativas como condutas, jogos, alimentações, moda, etc. (VAZ, 2006).

Louro (2010, p.14) cita que "os corpos são significados de cultura e são, continuamente, por ela alterados". Essa citação reflete um pensamento de que a cultura está ligada diretamente com a forma de viver o corpóreo. Louro cita Weeks (2010, p. 14), ao dizer:

[...] que o corpo é inconstante, que suas necessidades e desejos mudam. O corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou novas formas de intervenção medica e tecnológicas.

A citação acima apresenta que o corpo não é algo constante, suas necessidades seus desejos se alteram ao passar do tempo, principalmente por esse estar ligado as transformações culturais e sociais das épocas. Sendo assim, "de acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos" (LOURO, 2010, p. 15). Essas citações de Louro nos leva a refletir que a forma que o corpo se apresenta e é vivenciado está totalmente ligado aos padrões físicos e morais da época e também das distintas culturas, sedo assim, o corpo e suas mudanças são advindos das várias transformações sociais e culturais durante a história. E que esse tende a continuar a mudar de acordo com as tendências que se apresentam.

Através da história é possível perceber grandes mudanças no trato do corpo e suas vivências, para uma maior compreensão sobre o corpo e suas transformações essa pesquisa partiu de um levantamento literário a partir do século XII até o século XXI.

No período da idade média o cotidiano estava diretamente ligado ao corpo, pois era através dele que as principais atividades eram realizadas, como a comunicação, trabalho e economia. Nessa mesma época as pessoas recebiam trabalhos e designações de acordo com sua casta (classe ou grupo de nascimento), sendo assim, uma vez nascido em uma casta de camponeses, esse deveria trabalhar e obedecer as ordens de seus senhores. A economia era organizada para produção de alimentos e produtos para a sobrevivência, onde uma parte era pagamento aos senhores feudais e a outra para a própria sobrevivência das famílias (GONÇALVES, 1994).

Carmo Junior (apud CASSIMIRO; GALDINO, 2012, p. 72) apresentam que:

Durante a Idade Média, o corpo foi reprimido e censurado pelo dogmatismo religioso, nesse período, a Igreja era detentora do saber, controlando, assim, as concepções criadas sobre o mesmo. A sociedade desta época se preocupava mais com a salvação da alma do que com os cuidados que se deviam dar ao corpo.

Nesse contexto o corpo apresentava características da época onde tudo que era realizado recebia centralidade para a salvação da alma, sendo assim, nessa época realizações corpóreas como jogos e danças são considerados atividades pecaminosas, que deveriam ser pagos através de castigados corporais ou penitencias. O corpo passa a ser percebido como impuro, pecaminoso, desvirtuoso.

Diferentemente da idade média, na modernidade o homem passou a estar presente como algo central, as amarras anteriores foram desfeitas e "o homem passou a cultuar a si próprio" (CASSIMIRO; GALDINO, 2012, p. 74). Dessa maneira a sociedade passou a ter novas formas de vivenciar o corpóreo. Junto a essas mudanças sociais e culturais, tem-se o aparecimento científico que contribuiu no aumento das atividades comerciais que até em tão eram artesanais.

Todo esse processo favoreceu o surgimento de um novo modo de produção: O capitalismo.

[...]

É nesse período que surgiram as indústrias, as fábricas, agora construídas a partir da utilização da tecnologia e dos avanços científicos (CASSIMIRO; GALDINO, 2012, p. 74).

Com o surgimento do capitalismo e a necessidade de produzir em maiores quantidades tem-se o surgimento de indústrias e fábricas. A partir dessas mudanças a classe burguesa passou a controlar o corpo para gerar lucro, as pessoas passaram a trabalhar em indústrias, diferentemente dos trabalhos manuais anteriores (durante a idade média) o que contribuiu para a diminuição dos trabalhos manuais, da criatividade e espontaneidade, pois a partir desse momento os produtos passam a ser produzidos em grande escala através de máquinas e sendo assim, a criatividade e espontaneidade foram trocados pela repetição e controle das tarefas (GONCALVES, 1994).

Nesse período o corpo é considerado como uma máquina que possui engrenagens (órgãos) que devem funcionar de acordo com suas funções, para esse bom funcionamento, a sociedade passa a dizer que atividades físicas devem ser realizadas para a melhora da saúde. Essa relação do corpo máquina esta associada à nova forma

do mundo explicar as coisas e também aos avanços científicos e biológicos da época. "O mundo passou a ser explicado segundo as leis da Física, da Matemática, da Biologia, que criaram nas pessoas um novo modo de pensar e de se organizar socialmente" (CASSIMIRO; GALDINO, 2012, p. 75).

Junto com o desenvolvimento tecnológico, a construção de fábricas e o aumento da produção de produtos as pessoas passaram a consumir para além das necessidades primordiais, isso significa que as pessoas passaram a comprar coisas que não precisavam realmente. Na contemporaneidade o aumento do consumo de produtos que não são de necessidades primordiais permanece em aumento, a procura por produtos e serviços cada vez mais são consequência de falsas necessidades (GONÇALVES, 1994).

As 'falsas necessidades' (necessidades produzidas pela sociedade e que fogem ao controle do indivíduo), que passam a integrar a estrutura da personalidade, perdendo suas raízes históricas, garantem a permanência do trabalho alienado e geram a violência e a miséria (GONÇALVES, 1994, p. 26).

O corpo na contemporaneidade passa receber influências dessas falsas necessidades, sendo assim, essas características passam a incorporar na perspectiva cultural sendo essa a representação do resultado da junção de regras, aparências, ritos, interação e outros aspectos comuns que "compõem a fábrica social do corpo" (CORBIN, 2008, p. 9). Quando o autor cita 'fábrica' social ele esta se referindo à normatização do ser humano através de costumes culturais, alimentares, vestuários e outras formas que são presentes na cultura da classe do sujeito. Sendo assim, o próprio meio social e cultural 'fabrica' sujeitos que aprendem a repetir os costumes impostos.

Durante a contemporaneidade o corpo passa a ser visto com evidência, através das tecnologias, das roupas (marcas), estilo de vida ligados a performance física e padrões de beleza pré estabelecidos. Diferentemente o corpo ideal feminino do século XV, mulheres "gordinhas", atualmente o modelo de beleza feminino passou a ser magro, treinado, jovem e 'saudável'. Essas mudanças são resultado "[...] de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc." (GOELLNER, 2010, p. 73).

As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas [...]. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos,

inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, consequentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (LOURO, 2010, p. 15).

As várias características impostas aos sujeitos passam a ser tomadas como marcas de identidade, sendo assim, passam a representar uma referência. A partir dessa referência passamos a classificar as pessoas, buscando perceber se suas características são condizentes ou não aos padrões estabelecidos.

Santaella citada por Cassimiro e Galdino (2012, p. 76) afirma que,

[...] atualmente, a mídia é um dos meios de difusão e capitalização do culto ao corpo, consolidando tendências de comportamento. Outro fator decisivo, levantado por este autor, é a indústria da beleza que, através do *marketing*, influencia as atitudes das pessoas, fazendo com que elas busquem esse padrão de beleza vigente a qualquer custo. Todas as novidades relacionadas ao corpo resultam do fascínio da sociedade em busca das novidades e tendências que dizem respeito à prática de atividade física, às dietas exóticas, às cirurgias plásticas, ao uso de produtos e cosméticos que prometem um corpo com aparências ideais.

O corpo dito "perfeito" virou um objeto de comércio, onde produtos e serviços passaram a ser produzidos, para proporcionar a "melhora" da aparência. Essa busca pela "perfeição" passou a ser um dos produtos mais vendidos na atualidade.

Vale lembrar que esse padrão corporal virou parte de nossa cultura social, sendo assim o corpo acaba sendo "[...] educado por meio de um processo contínuo e minucioso, cuja ação vem conformando formas de ser, de parecer e de se comportar" (GOELLNER, 2010, p. 74). Esse processo ocorre através de vários meios como: a escola, casa, programas de TV, internet e até mesmo nos brinquedos, pois nesses já estão registrados os estereótipos culturais dominantes.

O corpo e seus ideais já passaram por grandes mudanças e essas se relacionam com a cultura da sociedade do momento. Da idade média para a modernidade o processo de valorização do corpo cresceu grandemente mais sua supervalorização apareceu na contemporaneidade. Essa supervalorização se apresenta "carregada" de aspectos idealizados, que são copiados e reproduzidos pelas pessoas na busca de se enquadrar em um corpo ideal. Para atingir tais objetivos, muitas pessoas são capazes a submeter seus corpos a diversos procedimentos, almejando alcançar o tão sonhado padrão "perfeito". Essas questões apresentam que nossa cultura corporal atual, acaba por

valorizar um determinado padrão desvalorizando muitos outros que compõem nossa diversidade. Contribuindo Sibilia (2009, p. 35, grifo do autor) apresenta que,

Por um lado, expande-se a busca de *sensações* prazerosas, inéditas e extremas; por outro lado, tenta-se burilar o próprio *aspecto corporal* como se fosse uma bela imagem bidimensional. Tudo isso em uma atmosfera sócio-cultural que estimula a ostentação de atributos como beleza, saúde, longevidade e 'boa forma'.

Essa busca por prazer, pela ostentação e pelo corpo perfeito, vem sendo foco de revistas, blogs, programas de TV e outro programas encontrados tanto na mídia e também em academias. Esse padrão leva-nos a nos preocuparmos mais com a adequação do corpo do que com os próprios momentos. A autora Sibilia (2009) cita que a busca pelo corpo 'ideal' chegou a o ponto de ser chamado de "doença tão penosa como vergonhosa: a desgraça da *inadequação* corporal" (SIBILIA, 2009, p. 37, grifo do autor). Apesar da busca doentia pela beleza, esse novo estilo de vida é apresentado como hábitos de saúde e juventude e quem não se ajusta a ele passa a ser visto como alguém sem preocupações com a saúde e aparência.

Essa influência corporal não atinge apenas a fase adulta, devido esse padrão de beleza estar presente na cultura da sociedade brasileira acaba por influenciar as crianças, fazendo com que essas passem a buscar os mesmos modelos dos adultos.

2.3 EROTIZAÇÃO

A palavra erotização tem origem do deus grego Eros (também conhecido por Cupido) esse é considerado a personificação do amor. Esse deus era responsável por provocar amor através de sua lança, que era difundida sobre suas vítimas e essas passavam a ter atração amorosa e sexual (BRANDÃO, 1991).

As palavras eros, ero, erot(o), erotizar, erotizado, erótico, erotismo e erotização possuem ligação com a origem grega Eros. Seus significados encontrados no dicionário são: amor, paixão, desejo ardente; ato de provocar desejo sexual em si mesmo ou em outro, ou ser atraente sexualmente provocando assim desejo sexual; ato ou efeito de ser erótico, provocar excitação sexual; características que provocam gosto acentuado pelo sexo, que excita sexualmente, que é sensual (BIDERMAN, 1998; HOUAISS, 2001;

MICHAELIS, 1998). Todas essas palavras caracterizam as provocações e sensações sexuais, ou seja, todas são entendidas e tomadas com o propósito de provocar excitação ou desejo sexual, sendo assim conclui-se que, erotizar significa tornar algo sensual ou atraente sexualmente.

Diferentemente disso Freud cita erótico como algo que é utilizado pelo ser humano como fonte de prazer, não apenas sexual, mas prazeres físicos. Ele cita que desde que nascemos passamos por diferentes fases.

No dicionário de psicologia (DORON; PAROT, 1998, p. 292) aparece o significado da palavra erotização apresentada da seguinte forma:

Utilização de certas partes do corpo, de atividades mentais ou comportamentais, aparentemente independentes da sexualidade, como fonte de excitação e de gozo sexual. S Freud demonstrou como a sexualidade infantil utiliza o corpo todo como fonte de excitação sexual. No campo da psicopatologia, a erotização pode provocar a limitação ou a inibição de certas funções psíquicas ou físicas, ou pelo contrário, seu reforço [...]. O próprio pensamento pode ser superinvestido e erotizado, como na neurose obsessiva. O sofrimento físico e a dor física podem ser buscados como fonte de gozo. A erotização da situação terapêutica, em fim, pode ser compreendida como uma resistência ao tratamento.

O parágrafo acima apresenta que a erotização é vista por Freud como algo que não precisa estar ligado definitivamente à sexualidade, para ele a erotização é a busca por prazer independente dos órgãos genitais. Ele cita que desde crianças passamos por fases diferentes de excitação sexual, mas essas sem estimulação nas genitais. Também é apresentado que vários estímulos podem ser realizados como fonte de excitação, sem diretamente estarem relacionados com o sexual.

As duas concepções de erotização são apresentadas como: primeira como sensualizase e o que provoca excitação sexual em si mesmo ou em outro e a segunda como algo que está presente nas atividades do ser humano que vão desde as atividades mentais (pensamentos), sensações que são produzidas por partes diferentes do corpo como fonte de prazer, independentes das genitais. Analisando ambas, podemos dizer que uma complementa a outra, pois, dá a entender que são produzidas em busca de prazer, sendo a primeira sexual e a segunda qualquer tipo de sensação prazerosa. Para a discussão desse tópico apenas a primeira vertente será usada. Sendo assim a sexualidade está ligada ao erótico, pois essa está relacionada a excitação do órgão sexual. A palavra sexualidade deriva das palavras sexo e sexual. Sexo no dicionário é registrado como conjuntos de características fisiológicas que definem macho e fêmea e também como o ato da realização sexual, ou seja, é a distinção entre homem e mulher e também o ato de fazer sexo. Sexual é exposto como comportamento do que tem sexo e que caracteriza o sexo. A sexualidade é apresentada como qualidade do que é sexual, conjuntos de características fisiológicas internas ou externas de acordo com o sexo, ter sexo, conjunto de comportamentos relativos ao instinto sexual (sensualidade), expressão do instinto sexual e atividade sexual. Sendo assim, a sexualidade é apresentada como natureza do que é sexual, suas características fisiológicas, naturais, comportamentais e expressivas são associadas diretamente ao sexual, constituindo assim a sexualidade como as características e os comportamentos sexuais do ser que tem sexo (BIDERMAN, 1998; DORON; PAROT, 1998; HOUAISS, 2001; MICHAELIS, 1998).

Alguns autores apresentam a sexualidade como algo influenciável culturalmente, socialmente e politicamente. Foucault (1988) apresenta que o sexo faz parte da natureza humana e é biológica sem dúvidas, pois, já se apresenta nos corpos, mais a sexualidade de acordo com Foucault é cultural, política e histórica, pois as formas de entende essa, são caracterizadas de acordo com a época e costumes. As somas dessas características (padrões comportamentais) influenciam os corpos buscando-os padronizar.

O autor Weeks (2010, p. 38) também parte da ideia de construção social e cultural ao citar que "a sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico", ele ainda argumenta que a sexualidade está sujeita a uma modelagem denominada sociocultural, acabando assim por construir imagens espelhadas da sociedade. Sendo assim "[...] os significados que damos à sexualidade e ao corpo são socialmente organizados, sendo sustentados por uma variedade de linguagens que buscam nos dizer o que o sexo é, o que ele deve ser" (WEEKS, 2010, p. 43).

As falas de Weeks (2010) apresentam que ele acredita que a cultura esta mais relacionada à forma de se viver a sexualidade do que a própria biologia do corpo, e apresenta que não é apenas o corpo e ou a cultura que formam nossa sexualidade, mais sim, uma soma de ambos os costumes, culturais e corporais. Sendo assim os significados que damos a ela são construções sociais e que a nós é ensinado como viver e compreender essa.

Louro (2010) também segue pela perspectiva cultural e cita dois pontos o primeiro é: "[...] que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política; segundo, ao fato de que a sexualidade é 'aprendida', ou melhor, é construída, ao longo de toda vida, de muitos modos, por todos os sujeitos" (LOURO, 2010, p. 11). Dizer que a sexualidade é social e política, significa que essa é influenciada pelos costumes sociais e também por normas políticas, sendo assim, essas normas e costumes 'ensinam' a sociedade a forma de vivenciar sua corporeidade e sexualidade.

A construção [...] da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente.

[...]

A construção [...] da sexualidade dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais (LOURO, 2008, p. 2).

A citação acima reforça a ideia que a sexualidade é uma construção social que vária de acordo com a sociedade e tempo. A autora ainda diz que a construção da sexualidade é um processo que nunca acabará. Sendo assim, a forma da sociedade lidar com a sexualidade já se apresentou de diferentes maneiras e ainda continuará a mudar.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p.100).

Nessa citação a sexualidade é apresentada como um dispositivo histórico, onde suas sensações de prazer são acompanhadas pela busca do controle, da resistência e que essas são realizadas como estratégias de poder tanto político como religioso.

Os autores citados acima partem de uma perspectiva de construção histórica, ou seja, esses dizem que diferentes significados são dados a sexualidade de acordo com as

características históricas e culturais da época vivida, sendo assim podemos dizer que a sexualidade, não é representada de forma linear e contínua, essa passa por modificações diretas ou indiretas vindas das normas e valores construídos em cada época. A partir desse pensamento, podemos refletir então que da mesma maneira que atualmente possuímos crenças e valores com referência a sexualidade, esse mesmo pensamento tende a mudar completamente se transformando em outro.

Para uma maior compreensão sobre o desenvolvimento da sexualidade na sociedade, será realizado um breve levantamento na literatura do período da idade média até a atualidade.

Durante o século XV ainda na era medieval o sexo era motivo de confissão obrigatória e suas consequências eram penitências (FOUCAULT, 1988, p. 110). Le Goff e Truong (2006, p. 41) citam que "[...] é possível afirmar que o corpo sexuado da Idade Média é majoritariamente desvalorizado, as pulsões e o desejo carnal, amplamente reprimidos".

No começo do século XV até meadas do século XVII grandes esforços eram destinados a desenvolver uma visão sobre o corpo e a sexualidade compatível com as leis sociais, religião e com o crescimento da população (MATTHHEWS-GRIECO, 2008).

Foucault (1988, p. 17) cita que, "[...] a partir do fim do século XVI, a "colocação do sexo em discurso", em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação", constituindo-se uma ciência da sexualidade. Essa 'liberdade' prevaleceu até início do século XVII. Esse período de 'liberdade' não significa que o sexo era dito de forma livre, ele passou a ser estudado pelos médicos e filósofos a fim de serem motivos de discursos de advertência e repreensão.

Foucault (1988) cita que até o início do século XVII assuntos sobre sexo e sexualidade eram comuns de serem ditas entre as crianças.

As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos "pavoneavam" (FOUCAULT, 1988, p. 9).

A citação acima apresenta que no início do século XVII eram mais frouxas as restrições sobre as práticas sexuais, essas não eram segredos. As crianças não eram consideradas como seres cândidos e puros que deveriam ser resguardadas da 'obscuridade' desse assunto.

No decorrer do século XVII a antiga liberdade de linguagem entre adultos e crianças desaparece, sendo essa substituída por repressão, onde falar sobre o sexo seria para proibi-lo, um grande pudor que traz silêncio e censura (essa censura tem ligação com a nova concepção de criança, pois essa passa a ser vista como um ser puro que deve ser resguardado desses assuntos "obscuros"). A igreja passou a ser uma forte aliada para essa censura, pois se utilizava de prescrições e confissões para fixar obrigações de um bom cristão (FOUCAULT, 1988).

Durante o século XVII grande repreensão e proibição sobre o sexo nasciam como exclusividade da "sexualidade adulta e matrimonial" (FOUCAULT, 1988, p. 109) e outras preocupações de pudores e decência. Sendo assim, proibições sexuais para crianças e adolescentes passaram a ser ensinadas. Ao mesmo tempo em que proibições são realizadas, convicções sobre a gestação e saúde da criança gerada, são ligadas as relações sexuais e ao prazer que passam a ser partes importantes das prescrições para nas relações sexuais matrimoniais.

No final do século XVII,

Convicções culturais referentes ao amor nas relações conjugais – assim como a legitimação médica do prazer físico como expressão natural do corpo e dos laços afetivos dos indivíduos – começaram a importa-se e a facilitar indiretamente a expressão de práticas sexuais [...] (MATTHHEWS-GRIECO, 2008, p. 218).

Essas convicções fazem diminuir as proibições, pois a medicina passa a dizer que o prazer estar ligado à formação saudável da criança gerada. O amor sentimental e o casamento reprodutivo estavam bem harmonizados. O crescimento da classe burguesa que grandemente se baseava em um senso de pudor, vai levar os médicos, pedagogos e psiquiatras a discutir sobre o corpo e a sexualidade (MATTHHEWS-GRIECO, 2008). Corroborando Foucault (1988, p. 114) apresenta que:

Foi na família 'burguesa', ou 'aristocrática', que se problematizou inicialmente a sexualidade das crianças ou dos adolescentes; e nela foi medicalizada a sexualidade feminina; ela foi alertada em primeiro lugar para a patologia

possível do sexo, a urgência em vigiá-lo e a necessidade de inventar uma tecnologia racional de correção.

Sendo assim é nas famílias burguesas que se inicia o controle da sexualidade. Essa iniciou a problematização sobre a sexualidade, onde passou a ser visto como um problema médico e social que deveria ser vigiado e corrigido. Sendo assim no final do século XVII o sexo passou a ser tratado como algo proibido, falar sobre o sexo passou a ser um tabu. Sua referência era apenas utilizada para fins científicos e médicos e ainda assim, como muito resguardo (FOUCAULT, 1988).

No século XVIII o sexo passa a ser um assunto de interesse político. Busca-se através de discursos regular "o sexo e não proibi-lo". Aparecem preocupações sobre meios contraceptivos "exortações morais e religiosas, medidas fiscais — tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada" (FOUCAULT, 1988, p. 29). Dizer que o sexo passou a ser assunto de interesse político, significa que o Estado passou a perceber que o crescimento da população esta relacionado com o crescimento econômico e a partir daí criam-se normas para regular as práticas sexuais.

Weeks (2010, p. 52) cita que,

Na medida em que a sociedade se tornou mais e mais preocupada com as vidas de seus membros — pelo bem da uniformidade moral, da prosperidade econômica; da segurança nacional ou da higiene e da saúde — ela se tornou cada vez mais preocupada com o disciplinamento dos corpos e com as vidas sexuais dos indivíduos. Isso deu lugar a métodos intrincados de administração e de gerenciamento; a um florescimento de ansiedades morais, médicas, higiênicas, legais; e a intervenções voltadas ao bem-estar ou ao escrutínio científico, todas planejadas para compreender o eu através da compreensão e da regulação do comportamento sexual.

A citação acima apresenta que a preocupação da sociedade sobre a vida de seus membros, se relaciona com o resguardo sobre o corpo e os atos sexuais. A partir disso, tem-se uma organização para administrar a sexualidade através da moral, medicina e ciência regulando assim o comportamento sexual.

Através da pedagogia, da medicina e da economia, fazia do sexo não somente uma questão leiga, mas negócio de Estado; ainda melhor, uma questão em que, todo o corpo social e quase cada um de seus indivíduos eram convocados a porem-se em vigilância (FOUCAULT, 1988, p. 110).

O sexo passará a ser pensado e ensinado através da medicina, da economia e da escola para que esse represente os negócios do Estado. Além do mais os indivíduos passam a ser ensinados a vigiarem sua sexualidade.

Mesmo com os discursos durante o século XVIII, o sexo nos colégios é considerado como um problema público, devido a esse fato tem-se a busca de médicos, familiares e recomendações religiosas. Nesse período falar sobre sexo significa utilizar meios de dizer sem dizer realmente, onde as palavras são ditas de forma que ele fique o mais secreto possível, um segredo (FOUCAULT, 1988).

Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas, limitar sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle (LOURO, 2010, p. 27)

Na citação acima Louro (2010) apresenta que mesmo com a fiscalização, vigilância, censuras e controle, a curiosidade extrapola a proibição e a sexualidade não é totalmente sufocada, o que se consegue é diminuir sua manifestação, mas, essa não é totalmente extinta. Suas realizações e curiosidades passam a ser desvendadas de forma privada e escondida, pois, essas manifestações são consideradas como algo vergonhoso que deve ser censurado.

Cornell (apud BRITZMAN, 2010, p. 89) também parte da ideia de que a curiosidade é maior do que a proibição:

[...] o 'domínio imaginário', aquele espaço psíquico de desejo proliferaste, no qual 'nosso sentido de liberdade está intimamente ligado à renovação da imaginação, à medida em que nos reconciliamos com o que somos e com o que desejamos ser como seres sexuados'. Isso traz a viagem de volta ao corpo: não temos que ir muito longe para imaginar algo que seja diferente disso. Na verdade, tudo que temos que fazer é imaginar. Com esta ideia, podemos começar a ver que a sexualidade permite desenvolver nossa capacidade para a curiosidade. Sem a sexualidade não haveria qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender.

Essa citação apresenta que a sexualidade está ligada com a curiosidade e a imaginação, sendo assim por mais que se busque esconder e proibir as experiências dessas, a própria curiosidade oportunizará o aprendizado. Corroborando Freud (apud BRITZMAN, 2010, p. 93) apresenta as crianças como "pequenos investigadores do sexo". Ele chama as crianças assim, pois ele observou que essas são muito curiosas a

respeito do corpo e sensações de prazer que esses produzem. Sendo assim Freud também busca uma relação entre a curiosidade e a sexualidade.

Percebe-se que a sexualidade da criança passa a ser alvo de grande preocupação durante o século XVIII. Meios para preservar a "inocência" dessas são tomados. Também é citado que mesmo com a vigilância, a curiosidade excede o controle e de alguma forma essas buscam experiências, em todas as épocas.

No século XIX é apontado por Foucault (1988) que o onanismo (masturbação masculina) é considerado como uma epidemia pelos médicos a ser extinta. O onanismo passa a ser severamente criticado através de cartilhas e discursos médicos que são proferidos na busca do abandono de atos impróprios que segundo a medicina causa doenças.

Durante todo o século XIX o sexo foi registrado de duas formas: a biologia de reprodução que buscava pesquisar sobre a fecundação etapas necessárias e outros aspectos e a da medicina que pesquisava sobre a saúde, controle de doenças venéreas e outros pontos. O que era considerado como carnal passa a ser visto como biológico: o organismo (FOUCAULT, 1988). O sexo passa a ser visto como uma necessidade fisiológica assim como a micção e a defecação (CORBIN, 2008). Weeks (2010) cita que até o século XIX o corpo e a sexualidade foram tratados como preocupações médicas, da moral e filosófica.

Foucault (1988, p. 38) cita "O século XIX e o XX foram, antes de mais nada, a idade da multiplicação, uma dispersão de sexualidades [...]". Isso significa que durante esses dois séculos houve um grande crescimento da sexualidade, menos repreensão sobre o sexo.

No século XX a repressão sexual começa a diminuir aparecem relatos de relações extra-matrimoniais e também de permissão aos adolescentes de terem relações prénupciais, que resulta em muitas das vezes em fim do compromisso de casamento e em filhos ilegítimos (MATTHHEWS-GRIECO, 2008).

Durante vários séculos o sexo da criança foi tomado de preocupações onde recomendações, conselhos e vigília foram tomados como precauções de problemas futuros (FOUCAULT, 1988). Mas percebe-se que no século XX "[...] ter-se-iam

eliminado em grande parte, os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças" (FOUCAULT, 1988, p. 109).

Ao percorrer a história da sexualidade, percebe-se que essa vem mudando ao passar do tempo, o que consideramos normal ou anormal na atualidade, já foram aceitos ou reprendidos no passado. Essas mudanças no decorrer do tempo, refletem as características de cada época onde suas normas e crenças configuram sua cultura e forma de lidar com sua sexualidade.

Atualmente o corpo passou a representar centralidade, suas formas, suas características sua sensualidade. As pessoas passaram a buscar o corpo ideal, a vestirem-se na moda para refletirem, a beleza desse padrão. Hoje o corpo passou a ser visto como o corpo desejado a beleza passou a refletir o desejo erótico.

Esse crescente aumento da erotização começou no século XX e cada vez mais se propagou entre a sociedade contemporânea, uma das principais fontes para esse aumento foi o comércio da aparência. A sensualidade passou a ser apresentada fortemente como fonte de comércio (neste caso me refiro aos produtos de beleza), as pessoas passaram a procurarem utilizar produtos e serviços para alcançarem o ideal proposto.

Atualmente ter a aparência perfeita e ser desejado, passou a compor a lista de vontades quase que comuns entre a sociedade, tanto para adultos como para crianças. Isso é consequência de uma cultura que apresenta um ideal de ser e acaba influenciando a população. Alguns autores refletem que essas novas tendências de corpos ideais estão influenciando o mundo das crianças provocando dois fenômenos que são a adultização e a erotização da infância (GUIZZO; BECK, 2011; FELIPE; GUIZZO, 2003; PATERNO, 2011; SANTOS, 2014).

2.4 ADULTIZAÇÃO E EROTIZAÇÃO DA CRIANÇA

Santos (2014) apresenta adultização da Infância como um processo de transformar crianças em mini adultos, onde essas passam a apresentar características adultas em sua aparência e comportamento. Sendo assim, desde pequenas elas passam a

conviver, preocupando-se e experimentando coisas de adulto. Essas transformações colaboraram para uma nova forma de vivenciar sua corporeidade de modo que desenvolvam precocemente atitudes adultas. O problema da adultização citado por Paterno (2011, p. 48) é que

A interação, dos sujeitos infantis, com a diversidade de conteúdos adultos pode interferir e acelerar o abandono da categoria geracional denominada por infância, quando a criança começa a se identificar mais com as coisas dos adultos do que com os seus iguais e gradativamente assume pertencer a outro grupo de indivíduos.

A figura 5 apresenta a foto de uma participante de concurso de beleza e a figura 6 apresenta duas crianças vestidas como adultos.



Figura 5 – Adultização

Fonte: (BARBARA, [20--?]).



Figura 6 – Adultização

Fonte: (TIPPEK..., 2015).

A adultização não é algo novo, durante a idade média as crianças eram tratadas como mini adultos. As roupas e trabalhos quase não se diferenciavam. Essas possuíam o papel de aprender a ser um adulto e a ter independência. Atualmente a criança tem que ser criança tendo oportunidade de desenvolver-se de forma integral (BRASIL, 2005).

Mesmo com essas distinções, novamente pode-se perceber que a infância vem apresentando características adultas, mas essas não as tornam como as crianças da idade média. Netto, Brei e Flores-Pereira (2010) citam que vários fatores podem influenciar a antecipação da fase adulta como: o acesso cada vez maior e mais cedo ao conhecimento (escola), diminuindo a distância ao mundo adulto; entrada precoce no mercado de trabalho; ausência dos pais na educação dos filhos; acesso limitado à educação e outros fatores socioeconômicos e culturais. Eles também acreditam que o marketing é um fator que expande a adultização, pois as propagandas são fortes meios de influencia para cultura.

Santos (2014) apresenta que um dos fatores que vem fortalecendo a adultização da infância é o consumismo, pois esse utiliza de meios para convidar as crianças a desejarem e comprarem determinados objetos. Além do aumento do consumo compreende-se que as produções feitas pelas indústrias passaram a serem quase réplicas de produtos adultos como: roupas em mini tamanho, aparelhos eletrônicos, cosméticos e outros que entram na moda ou na lista de desejos da sociedade.

Busca-se compreender que a 'adultização' não está acontecendo sem pretextos. Ela tem objetivos, e o principal deles é o consumismo mostrado pela mídia a todo instante, nos convencendo sempre a comprar mais e mais. Nossa sociedade valoriza a beleza, a moda e a fama na maior parte de suas expressões culturais: novelas, filmes, programas de televisão, e é claro, nas propagandas e na moda, instrumentos fundamentais para a construção de um sistema cultural (MCCRACKEN, 1986). Por causa disso, muitas vezes as pessoas se veem influenciadas por esse sistema cultural, e nem sempre se consideram capazes de tomar uma decisão livre para desvincular-se dos valores desse sistema ou até mesmo por medo de uma possível exclusão caso consigam desvincular se (MCCRACKEN apud SANTOS, 2014, p. 2).

Acima é apresentado que umas das causas da adultização é o sistema consumista que constrói um ideal de ser, onde a partir disso as pessoas passam a comprar produtos para construírem essa aparência ideal. A sociedade está mudando sua aparência e construção corporal, os adultos passaram a buscar pelo corpo e aparência ideal (homens forte atléticos, mulheres atléticas magras com silicones, aparência saudável, maquiagem, cabelos lisos e outros aspectos como roupas e marcas cobiçadas). Não longe disso, crianças cada vez mais cedo passam também a consumir produtos diversos que são cópia dos produtos dos adultos e assim sua aparência espelha-se em reflexos de adultos.

Os corpos infantis passaram a representar características cada vês mais adultas, essas passaram a buscar corpos ideais, onde tendências de modas, maquiagens, cabelos e outros serviços são procurados. Cada vez mais se vê que padrões adultos são referências para crianças e essas acabam por buscar seguir tais tendências. Ao passo dessas mudanças se percebe que a infância vem ganhando características novas sendo essas como réplicas de adultos, crianças que se preocupam mais com a aparência do que com a diversão, infelizmente essas mudanças contribuem com a redução da infância e o adiantamento de experiências adultas (PATERNO, 2011). Paterno (2011, p. 48) apresenta que

As relações com as roupas da mulher ou do homem são relevantes para compor o pensamento sobre a erotização precoce da atualidade, pois muitas crianças já assumem trejeitos adultos, bem como uma relação com o sexo e uma sexualidade-objeto para cuja administração elas ainda não estão, nem física nem cognitivamente, preparadas.

Esses aspectos atuais de beleza que são valorizados pela nossa sociedade, cada vez mais influenciam as crianças a buscar seguir tendências de modas, mudando o comportamento para serem aceitas tanto pela sociedade como por seus colegas da mesma idade, além do mais, o padrão de beleza atual também é carregado de aspectos sensuais que também passam a ser adotados pelas crianças. Devido a isso, "hoje, as meninas aprendem que o mérito delas está na capacidade de sedução" (GUIZZO; BECK, 2011, p. 21) e os homens são postos como "vítimas" da sedução das mulheres, principalmente se essas forem jovens. Corroborando com as questões acima Paterno (2011, p. 45) apresenta que

As influências mercadológicas tendem a erotizar e a provocar comportamentos de sensualidade e de virilidade nas crianças, pois elas tendem a usar roupas e produtos da moda adulta. Algumas meninas usam maquiagem, pintam as unhas, procuram uma aparência mais velha, como das mulheres, e uma parte dos meninos, estimulados pelo exemplo de masculinidade que lhes é apresentado, ensaiam sua agressividade, por meio de jogos e de atividades de lutas ou outras que promovem a diminuição da distância existente entre os dois mundos.

A citação acima apresenta que a erotização masculina está relacionada com a masculinidade espelhada no modelo adulto e devido a isso meninos optam mais por atividades que os façam parecer mais adultos. Dessa forma a erotização do corpo da criança está relacionada com a adultização da infância, pois, as formas dessa se entender e entender seu corpo na atualidade está passando por um processo de

transformação, onde os corpos infantis estão passando a espelhar características adultizadas. Sendo assim, a aparência infantil passou a refletir aspectos adultos e junto a isso aspectos erotizados. Podemos refletir assim, que se pegarmos crianças e passarmos a caracterizar essas como adultas ou ainda mais, se essas crescem aprendendo a se vestir e se portar como adultas nesse processo aprenderão a agir como tal. A figura 7 apresenta fotos da Mc Melody que, apenas com oito anos, já foi causa de muita polêmica por causa das roupas, rebolado e músicas com palavras obsenas.



Figura 7 – Mc Melody

Fonte: (GARBIN, 2015).

Como dito acima a adultização da infância não implica apenas com a aparência externa em si, junto às mudanças da aparência características sexuais e eróticas na infância cada vez mais cedo são apresentadas. A forma de se vestir, preocupações com o corpo, com a aparência ganham significados onde se passam a relacionar a aparência com o desejo. Com essas transformações fica mais comum o aparecimento de relacionamentos e conversas sobre namoro entre crianças em idades cada vez menores (FELIPE; GUIZZO, 2003; GUIZZO; BECK, 2011). Essa antecipação pode provocar resultados como: diminuição da infância, pedofilia, gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis (BRASIL, 2005).

Felipe; Guizzo (2003, p. 122-123) citam que "A tentativa de dessexualizar as crianças é um fenômeno recente na história ocidental [...]". Em meadas do século XVII, meninos e meninas viviam as mesmas coisas de adultos. A partir do momento que a criança passa

a ser vista como "[...] um ser inocente e indefeso [...] os prazeres eróticos passam a profanar a sua natureza" (FELIPE; GUIZZO, 2003, p. 122-123). A partir desse momento a sociedade passa a buscar pela "dessexualização" da infância e valores e normas novas passam a ser produzidas, com o intuído de preservar a sexualidades dessas.

Louro (2010, p. 26, grifo do autor) apresenta que

É preciso manter a 'inocência' e a 'pureza' das crianças (e, se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais.

A citação acima aponta que a sociedade inicia uma busca em manter a inocência das crianças e para isso passam a silenciar assuntos sobre o sexo. Sendo assim a sociedade passa a buscar preservar a sexualidade restringindo essa para a fase adulta. A educação das crianças passa a ser realizada para manter um comportamento "infantil". Dúvidas, curiosidades e conversas sobre a sexualidade passam a ser explicadas para manter a inocência dessas, as explicações normalmente são inventadas.

Louro (2010, p. 26) cita que:

Aqueles e aquelas que se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo imediato de redobrada vigilância, ficam 'marcados' como figuras que se desviam do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes [...]. De algum modo são indivíduos 'corrompidos' que fazem o contraponto da criança inocente e pura.

As crianças que fogem as normas e restrições passam a ser percebidas como corrompidas e assim necessitam de uma maior vigilância.

Durante o século XX a sexualidade vem passando por mudanças, onde se tornam mais frouxas as amarras da moral, esse afrouxamento influencia mudanças na infância, como seus estereótipos, recreações, aparência e brincadeiras (FOUCAULT, 1988).

Na última década do século XX é criado o ECA que passou a regulamentar os direitos e deveres das crianças. A partir desse momento a concepção de infância passa a ser conhecida como criança sujeito de direitos (BRASIL, 2017a).

No momento que a concepção de infância passa por mudanças, a forma de a sociedade perceber a sexualidade dessas também muda. Algumas antigas amarras e restrições sobre a sexualidade passam a ser mais frouxas, pais, mídia e escolas

passam a conversar e ensinar sobre o sexo. Isso não significa que a sexualidade da criança deixa de ser preservada, na verdade passa-se a compreender que essas têm o direito de entender seu corpo e sua sexualidade.

Em contra partida desses avanços, a grande valorização do corpo e da sexualidade no mundo adulto passou a se materializar através de estilos, modos de se vestir e comportar onde são carregados por características eróticas. Esses estilos são apresentados ao público consumidor através de várias formas como: TV, shoppings, propagandas, músicas e outros meios de comunicação, que contribuem com o aumento do uso desses produtos. Ao se tratar das crianças fica evidente que essa valorização da sexualidade não atinge apenas os adultos, pois os mesmos meios que se apresentam a esses também são itens de acesso na infância. As crianças cada vez mais novas têm acesso a informações, aprendem a navegar pela internet, assistem propagandas e passam a entender cada vez mais do mundo adulto conhecendo suas tendências de moda e estilos mais desejáveis (LOURO, 2010).

A evidência da sexualidade na mídia, nas roupas, nos shopping-centers, nas músicas, nos programas de TV e em outras múltiplas situações experimentadas pelas crianças e adolescentes vem alimentando o que alguns chamam de 'pânico moral'. No centro das preocupações estão os pequenos. Paradoxalmente, as crianças são ameaçadas por tudo isso e, ao mesmo tempo, consideradas muito 'sabidas' e, então, 'perigosas', pois passam a conhecer e a fazer, muito cedo, coisas demais. Para muitos, elas não são, do ponto de vista sexual, 'suficientemente infantis' (EPSTEIN; JOHNSON apud LOURO, 2010, p. 26-27).

O grande crescimento e valorização da sexualidade vêm influenciando o adiantamento da sexualidade nas crianças, onde essas passam a conhecer e a fazer coisas cedo demais, adiantando assim experiências sexuais. Sendo assim, percebemos que ao mesmo tempo que a sociedade busca proteger a infância essa é influenciada por estilos cada vez mais sensuais, confundindo assim seu desenvolvimento.

Devido a esse adiantamento Felipe e Guizzo (2003, p. 122) citam que a sexualidade "[...] tem-se mostrado permanentemente como alvo de fiscalização e controle por parte das escolas, das famílias e até mesmo da mídia". Essa fiscalização não significa esconder ou condenar atitudes do corpo, mais sim, ensinar, conversar e apresentar a sexualidade, de forma que essa seja compreendida e esclarecida como algo natural que requer cuidados e prevenções. Atualmente a fiscalização sobre a sexualidade

passou a ser ainda mais importante, devido o grande crescimento da antecipação das vivencias sexuais e problemas advindos desses.

O que vem de desencontro com a fiscalização e controle da sexualidade são os estilos cada vez mais sensuais impostos a população adulta e infantil, pois ao mesmo tempo que se procura proteger a infância e preservar a inocência dessas, os meios sociais e de comunicação apresentam propagandas que induzem em principal as mulheres e meninas a seguirem os padrões ideais de beleza que em sua maior parte são da sedução. Sendo assim, na atualidade a maior parte das crianças, são vestidas, tratadas, possuem objetos igualmente dos adultos (a adultização), essas passaram a ter acesso cada vez maior e mais cedo ao mundo dos adultos, passado a parecer com mini adultos. Em algum momento parece que a sociedade parou com 'dessexualização' a infância e passou a sexualizar essa. Pois na sociedade contemporânea as crianças cada vez mais passam a apresentar características adultas e sensuais (FELIPE; GUIZZO, 2003).

A erotização dos corpos femininos é muito mais citada na literatura do que dos meninos, mas isso não significa que os meninos fiquem fora desse processo, o que acontece nessa questão é que os reflexos nas meninas são mais exteriorizados do que nos meninos. Dessa forma, parece que apenas as meninas passam por esse processo, mas diferentemente disso esse acontece com ambos de formas diferentes.

Felipe e Guizzo citado por Guizzo e Beck (2011, p. 19-20) citam:

Não raro observamos propagandas e anúncios publicitários em que estão estampados corpos e rostos de meninas em poses sensuais e sedutoras. A infância aí representada nos remete a ideia de algo que pode ser apreciado, desejado, exaltado, numa espécie de 'pedofilização' generalizada da sociedade.

As autoras acima refletem que umas das causas da erotização dos corpos e da aparência infantil é a publicidade, pois essas passaram a utilizar características sensuais e de sedução para venderem seus produtos. Elas ainda citam que essas características adultas e sexuais remetem a apreciação sexual e erótica desses corpos resultando em pedofilia (GUIZZO; BECK, 2011).

A figura 8 apresenta propaganda da "Cadeaun". Duas crianças vestidas com roupas sofisticadas remetendo ao luxo, ambos apresentam expressão de superioridade e sensualidade.



Figura 8 – Propagandas e a erotização

Fonte: (SAUERS, 2011).

Na página do departamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), Aids e Hepatites Virais apresenta que:

A mesma sociedade que promove leis justas de proteção às crianças e adolescentes também ajuda a projetar pela mídia um desejo cada vez maior pelo corpo, na maioria dos casos, feminino. A mulher, para conquistar espaço, precisa ser desejável. Na cultura brasileira, existe um imenso culto à erotização. O que acontece é uma busca pela combinação entre a ingenuidade quase infantil e o desejo extremo. Isso captura homens, mulheres e também tem afetado a subjetividade das crianças, que tem se mostrado muito preocupadas com a estética. Conheço meninas de 4 e 5 anos que só querem comer alface ou rejeitam certos modelos de roupas. Tudo para não parecerem gordas ou distantes das imagens propagadas pela TV e copiadas pelas amiguinhas, completa a especialista. (BRASIL, 2005).

Na mesma página, tem uma fala muito interessante que complementa a citação acima sobre a erotização da criança:

A mesma sociedade que condena, com toda razão, os terríveis crimes envolvendo a pedofilia abusos sexuais contra crianças também promove de forma mecânica e maciça uma cultura que valoriza a erotização precoce dos pequenos (BRASIL, 2005).

As duas citações acima apresentam uma contrariedade entre as leis de proteção as crianças que devem vivenciar sua infância de forma plena, sendo crianças, possuindo cuidados, saúde e educação. E a outra realidade são os ideais de ser que se apresentam do dia a dia das crianças implicando a essas uma forma a ser copiada e

vivida para se apresentar bem aceitas perante seus amiginhos. Ainda é questionado que os padrões de sensualidade adulta está entrando no mundo das crianças e essas estão apresentando atitudes que refletem esse padrão ainda na infância. Essas mudanças de beleza infantil acabam por apresentar para sociedade que a infância pode ser apreciada e desejada, causando assim o adiantamento da sexualidade infantil e também aumento de casos de pedofilia.

Ainda na página do departamento de IST,

A médica sexóloga Nilva Ferreira Pereira concorda que existe uma incoerência no comportamento da sociedade, mas faz algumas ressalvas em relação à questão sexual. Não existe sexualidade precoce, ela nasce junto com o indivíduo. No caso das crianças, o sexo não é focalizado no genital, não há objeto do desejo definido. O que existe é a descoberta corporal, a exploração saudável e normal, explica. O problema é que a erotização adulta está chegando cada vez mais cedo. As crianças não estão se desenvolvendo em suas etapas normais. Está havendo um atropelo. Deveríamos tratar crianças como crianças, para que elas consigam amadurecer no tempo delas, acrescenta Nilva (BRASIL, 2005).

A citação acima apresenta que realmente existe uma incoerência social entre o trato da criança e o desenvolvimento sexual dessas na atualidade, pois junto a crescente erotização adulta essa também vem se apresentando cada vez mais cedo na infância. A autora também cita que a sexualidade é algo natural, que deve ser desenvolvidas no tempo certo, mas que experiências vividas podem fazer com que descobertas corporais sejam adiantadas. Essas experiências podem causar um atropelamento de experiências e provocar um adiantamento da fase adulta.

Essas falas demonstram características sociais que influenciam os corpos e a sexualidade de adultos e crianças. Atualmente na sociedade os padrões de beleza estão presentes em todos ambientes, como parques, clubes, brinquedos, TV, escola e outros lugares. Sendo assim, o ideal de ser se apresentar para todos públicos e idades, as crianças nesse caso também acabam por aprender que para ser bonitas devem consumir determinados produtos como roupas, maquiagem, aparelhos tecnológicos e outros que aparecerem como moda.

Em meio às várias pesquisas sobre infância, corpo e erotização, compreende-se que esses três assuntos, de acordo com a época, se assemelham, principalmente em questão de liberdades ou proibições. Sendo assim, entende-se que esses fazem parte

de uma construção histórica, que se forma de acordo com as significações de cada assunto e também em cada tempo, ou seja, os vários significados que possuímos são construções sócias das normas, valores e cultura da sociedade. Esse pensamento levanos a entender que se atualmente a infância vem apresentando características adultizadas e erotizadas, significa que a nossa sociedade e cultura estão carregadas desses aspectos e estão sendo apresentadas de alguma forma, ou seja, as culturas e normas da sociedade atual estão produzindo a infância da qual percebesse agora.

3 METODOLOGIA

A abordagem escolhida para essa pesquisa foi à qualitativa. Essa se fez na busca de compreender a visão e relação que meninos e meninas de 6 a 11 anos estabelecem entre seus corpos e os corpos dos colegas, problematizadas com a noção de adultização e erotização na infância.

A escolha da abordagem partiu das características citadas por Silveira e Córdova (2009) como uma pesquisa que procura compreender determinados fenômenos, grupos sociais e outros objetos de pesquisa, buscando "explicar o porquê das coisas [...] mas não se submetem à prova de fatos" (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32). Essa se centrou em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais do grupo pesquisado de forma particular e subjetiva, e também possibilitou uma interpretação dos dados observados (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Através dessas características, das observações e conversas realizadas, foi possível compreender como que as crianças percebem-se e relacionam-se dentro de uma escola e também permitiu uma discussão sobre os reflexos adultizados e erotizados na infância.

Partindo do problema apresentado, a pesquisa é descritiva, pois buscou descrever um grupo específico de crianças, suas relações e percepções, mas, também se aproximou do explicativo, pois, procurou determinar a natureza da adultização e erotização da infância (GIL, 2010).

Os primeiros passos para a produção da pesquisa constituiu em seguir procedimentos legais, ficou conversado com a direção da escola sobre a realização da pesquisa. Após o recebimento do consentimento foi providenciado os documentos necessários para a oficialização do processo.

Esse trabalho foi dividido em duas etapas, a primeira constituiu a revisão literária, onde conceitos e informações sobre infância, corpo, adultização e erotização da infância foram abordados, para fornecer "fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema" (GIL, 2010, p. 30), essa não se tratou de uma revisão minuciosa, mas sim, de apresentações de temas específicos, como forma de explicação e entendimento das discussões. A segunda

etapa tratou da pesquisa de campo, a escolha dessa se deu devido "a coleta de dados ser feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador" (SEVERINO, 2007, p. 123). A amostragem foi de 84 estudantes do primeiro ao quarto ano do ensino fundamental I, sendo escolhida uma turma de cada ano. A pesquisa aconteceu dentro de uma escola pública localizada, em Vitória/ES. A escolha da idade partiu do ECA que define criança até 12 anos incompletos, sendo assim, a escolha dos primeiros quatro anos do ensino fundamental, correspondeu com a idade, da pesquisa pretendida. A coleta de informações foi alcançada através de observações e rodas de conversa. Não foram realizadas entrevistas, devido à idade dos sujeitos. Acreditou-se que observações e rodas de conversas seriam mais proveitosos do que entrevistas individuais.

A coleta de dados foi organizada em quatro semanas. Nas três primeiras semanas só foram realizadas observações. Essas foram feitas durante o horário de recreio e aulas de Educação Física, por serem momentos que os alunos sentem-se mais livres e extravazam sentimentos e comportamentos. As anotações foram pautadas em: observar e entender como que meninos e meninas se relacionam e se percebem; investigar noção de corpo das crianças e identificar as diferenças da visão e relação que meninos e meninas de idades diferentes possuem em relação dos seus corpos. Essas foram anotadas em um diário de campo.

Na quarta e última semana foram realizadas as rodas de conversa acreditando que a partir de uma familiarização das crianças com o pesquisador, as conversas aconteceriam com maior facilidade, devido a isso, não foi realizada no início do processo. As rodas de conversa foram realizadas com todas as turmas. Essas foram feitas por turma e por gênero, as questões foram abertas e partiram das observações anteriores. O registro das conversas aconteceu através de gravação (áudio), feito por dois celulares.

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 231-232) a estratégia para a interpretação dos dados coletados "corresponde à parte mais importante do relatório. É aqui que são transcritos os resultados, agora sob forma de evidências para a confirmação ou a

refutação das hipóteses". Partindo dessas autoras, os dados foram classificados de acordo com sua relevância, onde todos foram apresentados independente de ter como confirmar ou refutar a hipótese, pois ainda assim, o tal fato deve ser apontado para correlacionar a hipótese apresentada. A busca por produzir uma pesquisa correta, sem falsos resultados, necessita de uma análise que siga pontos científicos e éticos. Os resultados de uma pesquisa podem ser muito diferentes das hipóteses levantadas, mesmo que isso ocorra não se devem modificar dados para que chegue aonde se pretendia chegar. A análise final partiu da pesquisa, informações que forem coletadas durante o processo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme detalhado na metodologia, foram realizadas observações e rodas de conversa com oitenta e quatro alunos de uma escola pública no município de Vitória (ES). Essas foram realizadas nas aulas de educação física e recreio durante quatro semanas com o total de dezessete observações.

Durante as observações e rodas de conversa apresentaram-se características no comportamento dos alunos como escolhas de jogos, brincadeiras, conversas, grupos e preferências.

Ficou em evidência que os meninos gostam de brincar de futebol, totó, pique-pega, queimada, super-heróis, basquete, carros, armas, ladrão, pirata, labirinto e esportes. Na maior parte do tempo eles jogaram os mesmos jogos que seus colegas e conversaram sobre família, computador, futebol, jogos, fofoca, super-heróis e comida. De acordo com a revisão de literatura as escolhas dos meninos estão ligadas ao estímulo da masculinidade e devido a isso eles escolhem mais jogos agressivos e de lutas (PATERNO, 2011).

As meninas também formaram grupos por afinidades onde escolheram jogos iguais e compartilharam opiniões sobre esses. Elas conversavam sobre beleza, família, jogos da internet ("Wedding Lily"), 'babados', garotos, escola, sobre as outras meninas, fofoca, moda e segredos. Os jogos escolhidos foram montagem de look "Wedding Lily", "Love tester", cozinhar, decoração de casa, pular corda, os piques, boneca, patins, menino pega menina, empurrar e passar maquiagem. Nota-se que diferentemente dos meninos as meninas conversam e brincam mais de moda, maquiagem, garotos e fofoca. Segundo a revisão de literatura essas escolhas refletem uma preocupação extra sobre a aparência ainda durante a infância que está ligada à adultização descrita por Santos (2014) e com a erotização citada por Felipe e Guizzo (2003). Paterno (2011) corrobora com essa visão ao apresentar que as influências mercadológicas vem entusiasmando as crianças a se vestirem como adultos e que as meninas passaram a usar maquiagem, esmalte e roupas iguais a de adultos para assim terem uma aparência de mais velhas.

Como dito acima as influências mercadológicas estão influenciando nessa adultização, pois trazem características adultas para o mundo infantil (PATERNO, 2011). Das aulas de Educação Física observadas um dia foi na sala de informática durante as observações dois jogos *on-line* jogados pelas meninas apresentaram fortemente características adultizadas e erotizadas em seus componentes. Um deles estava mais voltado para a caracterização de beleza e aparência e o outro em pontos de interesse de relacionamento. O primeiro foi montagem de *look "Wedding Lily"* (que consiste em vestir uma personagem desde o calçado até o cabelo preparando essa para seu casamento). Logo na primeira página uma jovem personagem com semblante infantil aparece de calsinha e sutiã brancos. Ela é branca, loira, magra com curvas e tem um sorriso disfarçado no rosto. Segue a figura da personagem descrita.



Figura 9 – Wedding Lily

Fonte: (WEDDING... 2017)

Nesse jogo é possível perceber fortes características sensuais, padrão de beleza e antecipação para a fase adulta. Essas características são resultado de influências adultas na infância e principalmente dos ideais existentes na contemporaneidade, pois atualmente padrões corporais como o corpo *fitness* (magro e treinado) e aspectos ligados à beleza (marcas, cosméticos e produtos da moda) passaram a representar evidência como uma espécie de modelo padronizado ideal (GUIZZO; BECK, 2011). Esse padrão corporal virou parte de nossa cultura social, assim sendo passou a ser visto e refletido na escola, em casa, programas de TV, internet e até mesmo nos

brinquedos como é o caso do jogo "Wedding Lily", pois nesses já estão registrados os estereótipos culturais dominantes (GOELLNER, 2010). Dessa maneira a aparência da personagem expõe esse padrão e apresenta que a criança pode ser apreciada e desejada, pois transmite a ideia de que o relacionamento e até mesmo o casamento, ainda na infância, são normais (FELIPE; GUIZZO, 2003; PATERNO, 2011; SANTOS, 2014).

O segundo jogo "Love tester" funciona colocando o nome de duas pessoas, onde é apresentando a porcentagem de acerto de um relacionamento. Esse foi muito jogado principalmente entre meninas do terceiro e quarto ano. As outras meninas e alguns meninos de outros anos também jogaram, mas com menor frequência.



Figura 9 – Love Tester

Fonte: (LOVE..., 2012).

Os resultados renderam vários comentários como: "vou ser a baba do casal" e "não gostei do resultado". Esse jogo reflete que novos tipos de brincadeiras como teste de relacionamento estão disponíveis para crianças. Os comentários apresentados refletem que as crianças de seis a onze anos, além de apresentarem interesse em ver a compatibilidade do relacionamento, já apresentam uma visão avançada sobre as consequências desse, como exemplo a gravidez. Isso fica evidente quando um aluno de oito anos diz que vai ser a babá do casal devido a ter dado uma porcentagem alta no jogo.

As falas durante os jogos e também em outros momentos da coleta de dados levam a um questionamento de como é a sexualidade das crianças. Falas sobre já terem

namorados e namoradas foram bastante comuns, principalmente nos alunos do terceiro e quarto anos. As meninas e meninos do terceiro ano falaram que já beijam. Mas as meninas especificamente do quarto ano dizem que tem namorados e que possuem segredos profundos que não podem revelar, mas que falam umas com as outras. Na revisão literária é apresentado por Louro (2010) que a evidência da sexualidade no mundo adulto vem alimentando transformações na infância onde essa passa a experimentar e conviver cedo demais com coisas de adultos.

A interação entre meninos e meninas apresentou também implicância, preconceito, ameaças e violência na forma de caretas, empurrões, puxões, palavrões ofensivos (piranha, vagabunda, piolhenta e viado) e ameaças como "vou chutar sua bunda", "eu vou te bater" e "eu vou te matar". Dois episódios que exemplificam isso ocorreram um em sala de aula e outro durante a roda de conversa. O primeiro aconteceu durante a aula do quarto ano quando dois alunos (uma menina e um menino) chamaram um colega de "baleia assassina" e saíram correndo, pois esse correu para bater neles. O segundo também aconteceu entre alunos do quarto ano quando as meninas estavam falando como gostam de usar os cabelos. Uma garota disse que gosta de seu cabelo cacheado e solto, as colegas disseram para ela que não era cacheado mais sim "pico" e ela logo revidou dizendo que o delas que era "pico". Posteriormente na roda de conversa foi relatado que os apelidos são usados para implicar e ou para deixar claro que o corpo "não está legal". Corroborando Louro (2010) e Sibilia (2009) apresentam que na contemporaneidade o corpo passou a ter um padrão estipulado como ideal e quem não se adapta passa a ser reprovado pela sociedade. Dessa maneira as implicâncias e xingamentos observados estão relacionados à reprovação corporal sobre os colegas.

Na revisão literária é apresentado que esse padrão de beleza está cada vez mais influenciando as crianças, pois os brinquedos, propagandas e jogos passaram a apresentar essas características. Além dos formatos pré-estabelecidos, esses estão fortemente ligadas a características adultas e sensuais, sendo inseridas as crianças que estão construindo seus conceitos de corpo e personalidade. Goellner (2010) cita que a construção do corpo tem influência cultural, ou seja, uma pessoa é educada corporalmente através da cultura. Sendo assim, os aspectos que circundam a infância

das crianças auxiliam na construção de seus ideais corporais. Corroborando com Goellner, Vaz (2006) utiliza do termo pré-compreensão para dizer que o homem se organiza no mundo a partir de ideias formadas por experiências que antecedem a informações pesquisadas, assim sendo o homem vive a partir de pré-conceitos apreendidos durante sua existência. Analisando as observações e falas dos alunos percebe-se que esses já possuem conceitos pré-estabelecidos que os fazem comparar seus colegas em modelos corporais ideais.

Durante as dezessete observações o estilo mais apresentado para os meninos foi de "funkeiro" (bermuda, camisa e chinelos), cabelos com luzes e cortado no estilo "Neymar". Eles relataram que não é sempre que eles podem escolher as próprias roupas e o estilo do corte de cabelo. Também falaram que quando vão passear não ligam muito para a aparência, só usam uma bermuda ou calça jeans e uma camisa de marca (citaram "*Nike*" e "adidas").

As meninas em sua grande maioria também costumavam usar chinelos, short, calça jeans, maquiagem (batom, sombra, blush e delineador), e algumas também usavam arco de gata, brincos e cabelos tingidos. Uma aluna de 11 anos tem piercing no nariz e costuma usar batom vermelho. A maioria das meninas fala que gosta de maquiagem, roupas curtas e acessórios da moda. Foi abordado porque elas gostam de usar roupas curtas. As meninas do primeiro e segundo anos não souberam responder, mas as do terceiro e quarto anos disseram que é pra "se achar pros meninos", "ficar mais magra", "pra mostrar mais o corpo", "ficar parecendo mais velha" e "chamar atenção". As diferentes respostas refletem que as influências da cultura idealista se apresentam já em crianças de seis a oito anos, pois essas já se vestem com estilos adultizados, mas que ainda não reconhecem o porquê da escolha. Diferentemente as crianças de nove a onze anos apresentam respostas que evidenciam além da adultização também a erotização, pois essas demonstram que utilizam as roupas e assessórios para provocar interesse nos meninos e para sentirem-se mais velhas. Felipe e Guizzo (2003) refletem que a nossa sociedade contemporânea apresenta produtos e propagandas que vem ensinando principalmente as meninas que o mérito delas está na provocação e sensualidade.

Goellner (2010) apresenta que a construção do corpo é cultural, pois varia na época e sociedade e que o corpo é "moldado" através da cultura imposta, sendo assim o estilo dos sujeitos observados estão sendo "moldados" pela cultura que os envolvem. Além desses aspectos da própria cultura temos a mídia, pois essa também influencia essas crianças, como exemplo o arco de gata está sendo usado na novela "carinha de anjo" e assim passou a ser usado por várias alunas da escola (FELIPE; GUIZZO, 2003).

Durante um dos recreios observados a escola colocou o som ligado na rádio e estava tocando funk "proibidão" e sertanejo. Durante as músicas de funk os alunos em geral ficaram mais agitados. Um grupo de aproximadamente dez meninas começou a dançar rebolando na parede e passando a mão no corpo. A maioria dos meninos continuou brincando e jogando futebol, cerca de três se aventuraram a dar passos e os outros mexeram com as meninas que estavam dançando. Durante as músicas de sertanejo houve menos interesse tanto por parte das meninas como dos meninos. Esses comportamentos são reflexos da cultura que as cerca, as propagandas que vem, os programas e novelas que assistem e os brinquedos e jogos que brincam e estão reforçando a ideia de masculinidade dos meninos e a sensualidade das meninas (FELIPE; GUIZZO, 2003; GOELLNER, 2010; PATERNO, 2011).

Na roda de conversa foi abordado sobre o que os meninos achavam das meninas da sala deles. As respostas foram diferentes em cada turma. Os meninos do primeiro anos responderam que elas são chatas, mas um deles disse que tinha uma namorada e todos riram. O segundo ano respondeu que elas são bonitas e chatas. Os alunos do terceiro ano disseram que as meninas são bonitas e cada um dizia qual era a mais bonita para ele, apenas um disse que as meninas são feias e em resposta o outro colega perguntou "você é viado"? Os alunos do quarto ano disseram que "todas são muito feias", "chatas", "dragonights", "piolhentas" e "linguarudas". Sobre as meninas da escola os meninos do primeiro e segundo anos disseram que elas são bonitas, legais e amigas. Os meninos do terceiro ano disseram que "as meninas das outras salas são mais bonitas porque usam batom", "se vestem bem" e tem o "cabelo bonito" (liso). Nesse momento estava passando uma aluna do nono ano e eles apontaram e disseram "ela é bonita!". Os meninos do quarto ano disseram que as meninas do sexto ano pra cima "algumas são bonitas", "outras parece que saiu do lixão" e "outras são gostosas".

É percebido que os meninos de idades diferentes possuem opiniões distintas sobre as meninas da sala e escola deles. Essas diferenças ficam mais evidentes entre o primeiro e segundo ano quando comparados ao terceiro e quarto. No primeiro e segundo anos os meninos se referiram às meninas como bonitas e que gostam de alguém, mas nessas falas não se apresenta interesse na aparência de forma explicita, o gostar e namorar pra eles parece mais estar relacionados ao brincar. Os meninos do terceiro ano quando se referem às meninas bonitas, essas normalmente são as que usam maquiagem, e também apresentam aparência de mais velhas. Os meninos do quarto ano apresentam interesse pelas meninas mais velhas (adolescentes), e esses dizem abertamente que elas são gostosas.

Os dados apresentados acima demonstram que os meninos de nove a onze anos tem mais interesse por aspectos sensuais e estéticos dos corpos femininos adolescentes. Também ficou evidente que os critérios de escolha dessas estão ligados aos padrões de beleza pré-estabelecidos como corpos magros, cabelos lisos, maquiagem e roupas mais sensuais como *shorts* curtos e calças *jeans* apertadas. Esses resultados mostram que a cultura de uma aparência ideal já está fortemente marcada na sociedade principalmente na cultura da região, onde meninos de até onze anos já se colocam críticos as meninas que saem desse modelo chamando essas de "*dragonights*", "feias", "parece que saiu do lixão" e outros apelidos que as menosprezam (FELIPE; GUIZZO, 2003; GOELLNER, 2010; PATERNO, 2011).

Na roda de conversa das meninas foi abordado sobre o que elas achavam dos meninos da sala delas. As meninas do primeiro e segundo anos falaram que eles são um horror, chatos, implicantes, mas que brincam com elas. Sobre os meninos da escola, a maioria respondeu que eles são implicantes e apenas uma disse que tem um aluno lindo. As meninas do terceiro ano disseram que alguns meninos são bonitos e legais e outros são chatos e feios. Elas relataram que a maioria tem namorado, e uma específica já beijou mais de um menino da sala. As meninas do quarto ano disseram que eles são feios, porcos e nojentos. Ainda as meninas do quarto ano disseram que não gostam dos meninos da escola, mas gostam do professor (estagiário de aproximadamente 20 anos), uma delas disse "o professor é lindo é maravilhoso, todas as meninas gostam dele, a gente dobra a bermuda pra ficar bem curta e a blusa com a barriga de fora pra

falar com ele", a mesma menina disse "eu adoro usar roupa de 'piriguete". Com esse relato outras colegas disseram que gostam de usar roupas curtas e chamar atenção para o corpo incluindo a aluna de onze anos que tem *piercing* no nariz disse que gosta de chamar atenção para os meninos mais velhos.

Os dados acima apresentam que a maior parte das meninas possui interesse nos meninos mais velhos, principalmente as meninas do quarto ano que disseram gostar do professor. Apenas os alunos e alunas do terceiro ano disseram ter interesses comuns, mas mesmo assim os meninos disseram que preferem as mais velhas. Também notase que as meninas utilizam meios sensuais para chamar atenção dos meninos e dos homens mais velhos. Esses resultados são consequência de uma construção cultural onde as meninas aprendem que devem ter o poder de seduzir os homens e os meninos aprendem que devem ser masculinos usando de muitas vezes brutalidade (PATERNO, 2011).

Os dados coletados apresentaram que a forte indústria da imagem corporal está refletida na infância, causando a aparência adulta e erótica na criança, e também que a consciência dessa idealização já está sendo apresentada na fala de crianças de nove anos, pois esses refletem que precisam ser desejadas. E para isso utilizam de meios para parecer mais velhas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve como principal objetivo compreender a visão e relação que meninos e meninas de 6 a 11 anos estabelecem entre seus corpos e os corpos dos colegas, problematizadas com a noção de adultização e erotização na infância. Essa foi definida a partir de mudanças apresentadas no comportamento das crianças sendo parecidos de adultos.

No anseio de detectar a origem da adultização e erotização e também em quais idades essas já se apresentavam, foi decidido observar aulas de Educação Física e recreios e também realizar rodas de conversa, pois acreditou-se que durante esses, os sinais buscados apareceriam.

A pesquisa qualitativa foi desenvolvida na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo. Essa teve como público alvo turmas de primeiro ao quarto anos do ensino fundamental.

O enfoque na revisão de literatura foi em conceituar e trazer aspectos históricos sobre os temas. Criança, Corpo, Erotização e Adultização e erotização da criança. Nos três primeiros tópicos ficaram registrados seus respectivos conceitos e de forma simples sua história da idade média à contemporânea. Esses, de forma geral, apareceram como produtos influenciáveis pelo contexto cultural da época, mas também apresentaram situações que fugiam as regras da época, sendo assim mostraram que a cultura influência, mas não determinam as escolhas dos sujeitos. No tópico Adultização e erotização da criança são apresentadas informações contemporâneas sobre aspectos adultos refletidos na infância e como esses vêm sendo difundidos.

A coleta de dados ficou encarregada de observar e entender como que meninos e meninas se relacionam e se percebem; investigar noção de corpo das crianças e identificar as diferenças da visão e relação que meninos e meninas de idades diferentes possuem em relação dos seus corpos.

Os dados coletados apresentaram que as crianças de seis a oito anos possuem características adultização e erotizadas na aparência, mas não no comportamento e fala, pois essas não se valeram de comportamentos provocativos, suas roupas e

produtos apresentaram reflexos do estilo presente na comunidade a qual a escola está inserida, mas elas não souberam respondem o motivo da escolha de suas roupas e produtos. Apenas disseram ser mais bonito. Diferentemente as crianças de nove a onze anos apresentaram características adultizadas e erotizadas tanto na aparência, comportamento e na fala, principalmente entre as meninas que costumam utilizar de meios para serem mais interessantes para os meninos, pois essas vestiram-se com roupas curtas, usavam produtos de beleza e disseram que utilizam desses para mostrar mais os corpos, ficarem mais velhas e se "achar pros meninos", os meninos também apresentavam que deveriam ser descolados usando roupas de marca, bermudas e bonés para ficarem mais estilosos. Também foi apresentado que tanto as meninas como os meninos possuem interesse por pessoas mais velhas. Os meninos citam que as meninas do sexto ano pra cima são gostosas e as meninas que o professor é lindo e que elas dobram as bermudas pra falar com ele. As duas situações acima mostram que essas crianças compreendem que as meninas devem ser sensuais e conquistarem os meninos enquanto que os meninos citam as meninas como objeto. Esses resultados deixam claro que as escolhas são consequência da influência cultural como propagandas e padrões impostos a essas crianças. E também que não é apenas a aparência que está sendo mudada, mais sim às próprias relações da infância onde se tem um aumento em relacionamentos entre crianças e também o interesse de crianças em adultos o que pode provocar casos de pedofilia.

Partindo da revisão literária, coleta de dados e resultados e discussão podemos dizer que devemos tratar criança como criança, respeitando suas fases, seu desenvolvimento e descobertas. Não que isso signifique esconder a sexualidade dessas, mais sim, deixar que essas se desenvolvam de forma natural, brincando e se descobrindo. Também ensinando sobre seus corpos e sentimentos para que assim possam se compreender e desenvolver naturalmente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. B. P. de. Tecendo os fios da infância. In:______. **Educação infantil:** discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 47-78.

APRESENTAÇÃO. 2011. Disponível em: http://histdainfancia.blogspot.com.br/2011/07/invencao-da-infancia.html. Acesso em: 11 maio 2017.

ARIÈS, P. História Social da Criança e da Família. 2. ed. Guanabara, 1986. p. 9-165.

BARBARA. Concursos de belleza Infantil.**Revista belleza**. [200-?]. Disponível em: http://es.paperblog.com/concursos-de-belleza-infantil-851426/. Acesso em 17 maio 2017.

BARBOSA, A. A.; MAGALHÃES, M. das G. S. D. A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância. **Revista eletrônica de ciências sociais, história e relações internacionais,** Roraima, v. 1, n. 1, p.11-18, 2008. Disponível em: http://revista.ufrr.br/examapaku/article/view/1456>. Acesso em: 29 set. 2016.

BIDERMAN, M. T. C. **Dicionário didático de português.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 379, 847, 852.

BOTO, C. O desencantamento da criança: entre a renascença e o século das luzes. In. FREITAS, M. C.; KUHLMANN Jr. M. **Os intelectuais na história da infância.** São Paulo: Cortez, 2002. p. 11-60.

BRANDÃO, J. de S. Eros e Psiqué. In:_____. **Mitologia Grega.** 4. ed. RJ: Vozes, 1991. p. 209-251.

BRASIL. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais. 2005. Disponível em: http://www.aids.gov.br/noticia/culto-erotizacao-estimula-sexualidade-precoce-e-pedofilia. Acesso em: 28 nov. 2016.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Brasília, 2017a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm. Acesso em: 28 abr. 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Brasília, 2017b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 19 abr. 2017.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado:** Pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 83-111.

CALDEIRA, L. B. **O conceito de infância no decorrer da história**. Paraná. 2010. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf. Acesso em: 24 set. 2016.

CASSIMIRO, É. S.; GALDINO, F. F. S. As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga à contemporaneidade. **Metávoia**, Minas Gerais, 2012, N.14. p. 61-79. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf. Acesso em 15 nov. 2016.

COHN, C. **Antropologia da criança.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Disponível em: http://lelivros.top/book/download-antropologia-da-crianca-clarice-cohen-em-epub-mobie-pdf/. Acesso em: 7 set. 2016.

CORBIN, A. Introdução. In: _____. História do Corpo: da revolução à grande guerra. RJ: Vozes, 2008, p.7-10.

____. O encontro dos corpos. In: ____. História do Corpo: da revolução à grande guerra. RJ: Vozes, 2008, p. 181-266.

DORON, R.; PAROT, F. **Dicionário de psicologia.** São Paulo: Ática, 1998. p. 292, 698, 702, 703.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-Posições.** Campinas, v. 14, n. 3, p. 119-130, 2003. Disponível em: http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/42-dossie-felipej_etal.pdf>. Acesso em 28 nov. 2016.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I:** A vontade do saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 147-160, abr. 2007.

GARBIN, M. **Mc Melody:** menina de 8 anos causa polêmica nas redes ao postar vídeos cantando funk com letras obscenas. 2015. Disponível em: . Acesso em: 15 maio 2017.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 30.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Porto Alegre, p. 71-83. mar. 2010.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar e agir:** Corporeidade e Educação. Campinas: Papirus, 1994, p. 13-37.

GUIZZO, B. S.; BECK, D. Q. Corpo, gênero, erotização e embelezamento na infância. **Textura,** Canoas, n.24, p. 16-36, dez. 2011. Disponível: www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download/875/651. Acesso em: 31 jan. 2017.

HEYWOOD, C. As transformações nas concepções de infância. In: _____. **Uma história da Infância:** Da idade média à época contemporânea no ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 21-48.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1189, 1190, 2564.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 163, 231-232.

LE GOFF, J.; TRUONG, N. **Uma história do corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 41-45.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições.** Rio Grande do sul, v. 19, n. 2. P. 17-23, 2008. Disponível: http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf >. Acesso em: 28 nov. 2016.

_____. Pedagogias da Sexualidade. In: _____ (Org). **O corpo educado:** Pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-34.

LOVE Tester. 2012. Disponível em: http://www.frivtoday.net/game/love-tester. Acesso em: 17 maio 2017.

LUÍZA. **A contemplação dos Anjos.** 2014. Disponível em:

http://daidademedia.blogspot.com.br/2014/01/a-contemplacao-dos-anjos.html. Acesso em: 11 maio 2017.

MATTHHEWS-GRIECO, S. F. Corpo e sexualidade na Europa do antigo regime. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Org). **História do corpo:** da renascença às luzes. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 217-301.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 841, 1919, 1933.

NETTO, C. F. S.; BREI, V. A.; FLORES-PEREIRA, M. T. O fim da infância? As ações de marketing e a "adultização" do consumidor infantil. **Revista de administração Mackenzie,** São Paulo, v.11, n. 5, p. 129-150, out. 2010. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712010000500007. Acesso em: 30 jan. 2017.

- OLIVA, J. C. G. A.; KAUCHAKJE, S. As políticas sociais públicas e os novos sujeitos de direitos: crianças e adolescentes. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 22-31, jun. 2009. Disponível em:
- https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/10697/10201. Acesso em 27 set. 2016.
- OLIVEIRA, Z. R. de. **Educação Infantil:** fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 57 a 70.
- PANCINO, C. "Pequeno demais, pouco demais". A criança e a morte na Idade Moderna. **Cadernos de História da Ciência**, São Paulo, v. 6, n.1, p. 179-212, jan./jul. 2010. Disponível em:
- http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342010000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 maio 2017.
- PATERNO, K. A. V. A Invasão da Erotização do Adulto no Mundo Infantil: micropoderes na vida pública e privada. 2011. 203f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2011.
- PELLICCIOLI, E. C. Representação da criança brasileira na prática social. In ZANELLA, A. V., et al., org. **Psicologia e práticas sociais.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 205-209. Disponível em: http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-19.pdf>. Acesso em 14 nov. 2016.
- SANTOS, N. M. "Adultização" da infância: obrigação x escolha. In. Congresso internacional de educação e inclusão: Práticas Pedagógicas, Direitos Humanos e Interculturalidade, n. 1, 2014, Campina Grande. **Anais.** Campina Grande: Realize, 2014. Disponível em:
- http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_11_11_2 014_20_22_24_idinscrito_347_ef884fd6ee694aaa1bb6a166d306862e.pdf>. Acesso em: 26 set. 2016.
- SAUERS, B. J. **Edição de Vogue francesa com crianças é mal interpretada**. 2011. Disponivel em: http://galodoporao.blogspot.com.br/2011/03/vogue-publicidade-com-criancas-de-6.html>. Acesso em: 17 maio 2017.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p.123.
- SIBILIA, P. O corpo modelado como imagem: o sacrifício da carne pela Pureza digital. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S. da; GOELLNER, S. V (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, 2009. p. 33-42.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa cientifica. In: GERHARDT, T. E.; _____. (Org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42.

TIPPEK hogyan kerüld el az "Ő a legjobb fiú barátom" státuszt. 2015. Disponível em: http://feromonx.hu/tippek-hogyan-keruld-el-az-o-a-legjobb-fiubaratom-statuszt. Acesso em: 17 maio 2017.

VAZ, H. C. L. Estruturas fundamentais do ser humano. In:_____. **Antropologia Filosófica 1.** 8. ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 155-162.

VITÓRIA. Secretaria de educação gerência de educação infantil. **A educação infantil do município de vitória:** um outro olhar. Secretaria municipal de educação. Gerência de educação infantil. Vitória (ES), 2006. p. 24-34. Disponível em: http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20100218_educacao_infantil_doc.pdf>. Acesso em: 27 set. 2016.

WEDDING Lily. 2017. Disponível em: http://www.jogos360.com.br/wedding_lily.html. Acesso em: 17 maio 2017.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado:** Pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 35-82.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO

Mediante o exposto, informo de forma clara e objetiva, que a professora TALITA CRISTINA GARCIA e seu orientando EMILIANE MARTINS FARIAS PAGUN estão realizando uma pesquisa acerca da visão e relação que meninos e meninas estabelecem entre seus corpos e os corpos dos colegas dentro de uma escola, e solicitamos vossa autorização para que possamos realizar o registro por meio de gravação de áudio das rodas de conversa (com os alunos) por nós realizadas nesta unidade de ensino. Declaramos que as informações/gravação de áudio coletadas neste processo de pesquisa serão utilizadas exclusivamente com fins pedagógicos. Responsabilizamo-nos pelos usos feitos das gravações, e atestamos que estas não serão veiculadas em quaisquer tipo de mídia ou rede social. Comprometemo-nos também em apresentar (se necessário) o trabalho de conclusão de curso à instituição concedente no final do processo, visando dar visibilidade aos usos que foram feitos das observações e gravações.

A instituição concedente da pesquisa não () autoriza ou sim () autoriza a realização dessa pesquisa escola.

Pesquisadora: Emiliane Martins Farias Pagun RG: 2.227.853 ES.

Vitória, 06 de Abril de 2017.

Assinatura pesquisador

Instituição concedente: EMEF Paulo Reglus Neves Freire.

Vitória, 06 de Abril de 2017.

Assinatura responsável legal da escola

APÊNDICE B - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO E RODA DE CONVERSA

- Observar e entender como que meninos e meninas se relacionam e se percebem.
 - Conversas: O que as meninas falam dos meninos e também o que os meninos falam das meninas.
 - Como as meninas tratam os meninos e como os meninos tratam as meninas?
 - Apelidos: existem apelidos nessas turmas? S\u00e3o ofensivos?
 - Brincadeiras: quais são? Quem brinca?
 - Grupos: nessas turmas tem grupos? Quais suas características?
 - Assuntos: quais são os assuntos mais comentados?
 - Comportamento: entre meninos e meninas?
- Investigar noção de corpo das crianças.
 - Estilos (tudo haver com a aparência, roupas, calçados, cabelos, produtos de beleza, etc...) das meninas e meninos.
 - Como que o corpo das meninas e dos meninos é visto e comentado pelos colegas.
 - As crianças apresentam o que sobre seus próprios corpos?
 - Esses apresentam ideais corporais, tanto na fala como na aparência?
- Identificar as diferenças da visão e relação que meninos e meninas de idades diferentes possuem em relação dos seus corpos.
 - Há diferença de comportamento nos anos diferentes?
 - Observar todas as questões acima e mais as informações da roda de conversa para comparar se esses possuem diferenças.